

SOU CRESCIDO!: PROMOÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO  
JARDIM DE INFÂNCIA - MOMENTO DA  
HIGIENE

Daniela Pais

Relatório de Prática Profissional Supervisionada II  
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre em Ensino Pré-Escolar

2023-2024



# SOU CRESCIDO!: PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO JARDIM DE INFÂNCIA - MOMENTO DA HIGIENE

Daniela Pais

Relatório de Prática Profissional Supervisionada II  
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre em Ensino Pré-Escolar

Presidente: Professora Doutora Catarina Tomás  
Arguente: Professora Doutora Carina Rodrigues  
Orientador: Professora Doutora Joana Dias

2023-2024

| ' ' | | ' ' |

## **AGRADECIMENTOS**

Ao fim dos cinco anos mais marcantes e mais intensos da minha vida é altura de agradecer àqueles que sempre acreditaram em mim e me motivaram a nunca desistir, contribuindo para o meu sucesso.

À minha mãe e ao meu pai e família, por sempre me terem encorajado a continuar. Obrigada por sempre se mostrarem disponíveis a ajudar-me e terem um abraço confortante ou uma palavra motivadora. Obrigada por me permitirem seguir este meu sonho de ser Educadora de Infância, que já vem desde pequenina.

À Matilde, que mesmo longe se mostrou presente e esteve sempre lá quando a ansiedade e a vontade de desistir se apoderaram de mim. Obrigada por seres o meu apoio de todas as horas.

Às minhas amigas de curso, Ana Rita, Marta, Sara, Raquel e Rita, pelo caminho que percorremos de mãos dadas. Obrigada por sempre estarem ao meu lado e permitirem-me partilhar sempre as minhas preocupações e dificuldades sem qualquer julgamento. Obrigada, meninas, por todas as horas juntas, que eram uma diversão.

À professora e supervisora Joana Dias, por todo o apoio transmitido ao longo do último semestre desta longa caminhada. Por me incentivar a melhorar e me desafiar a refletir sobre a minha ação e prática. Obrigada por se mostrar disponível e ter sempre uma palavra amiga e de apoio, permitindo que todo o percurso fosse feito com mais vontade.

Às equipas educativas, que me acolheram nas suas instituições e se mostraram sempre disponíveis a auxiliar. Agradeço, principalmente, à Ana, Filipa e Isabel por me terem motivado a fazer mais e melhor.

O meu principal e mais sincero obrigada às crianças que se cruzaram neste percurso, pelas ligações que estabelecemos e todos os momentos vividos. As crianças, foram quem mais me ajudou nesse caminho, quem mais me deu força, mesmo sem terem essa consciência. Obrigada a todas, sem exceção, pelas aprendizagens realizadas e por todos os momentos vividos até hoje.

Obrigada!!

## RESUMO

O presente relatório surge no âmbito da Prática Profissional Supervisionada II (PPSII) e tem como objetivo refletir, de forma fundamentada, a minha intervenção educativa, num contexto socioeducativo de Jardim de Infância (JI), com um grupo de 22 crianças.

Pretende-se, neste sentido, fundamentar, analisar e avaliar a prática desenvolvida neste contexto educativo, especificamente: a caracterização do contexto educativo e dos seus intervenientes, as intenções definidas para a prática, a investigação desenvolvida e, conseqüentemente, a construção da minha profissionalidade enquanto futura educadora de infância.

No decorrer da PPS II, surgiu o interesse em desenvolver uma investigação sobre a autonomia da criança no tempo de higiene, intitulada de *“Sou crescido! : Promoção e desenvolvimento da autonomia no jardim de infância – momento da higiene”*, com os seguintes objetivos: i) conhecer quais os fatores que influenciam o desenvolvimento da autonomia; ii) conhecer e compreender as conceções das educadoras de infância participantes, sobre o desenvolvimento da autonomia, no momento da higiene; iii) conhecer quais as conceções das famílias das crianças da Sala Rosa sobre o desenvolvimento da autonomia na higiene.

A investigação caracteriza-se por uma investigação de natureza qualitativa, seguindo as diretrizes de um estudo de caso e utilizando técnicas de recolha de informação: observação direta participante e não participante, análise e consulta documental, entrevistas e inquérito por questionário e como instrumentos, os registos diários (notas de campo) e fotográficos.

No que diz respeito aos resultados obtidos, foi possível verificar, através das entrevistas às educadoras do contexto socioeducativo e através dos inquéritos por questionário aplicados às famílias, que estas se encontram sensibilizadas para a importância da autonomia, especificamente no momento da higiene, manifestando-se, em algumas famílias, ausência na sua promoção.

**Palavras-Chave:** Autonomia, Crianças, Famílias, Higiene, Jardim de Infância

## **ABSTRACT**

This report comes as part of Supervised Professional Practice II (PPSII) and aims to reflect, in an informed way, on my educational intervention in a kindergarten setting with a group of 22 children.

In this sense, the aim is to substantiate, analyze and evaluate the practice developed in this educational context, specifically: the characterization of the educational context and its stakeholders, the intentions defined for the practice, the research developed and, consequently, the construction of my professionalism as a future kindergarten teacher.

During Supervised Professional Practice II, I became interested in carrying out an investigation into children's autonomy during hygiene time, entitled *"I'm grown up! Promotion and development of autonomy in kindergarten - hygiene time"*, with the following objectives: i) to find out which factors influence the development of autonomy; ii) to find out and understand the conceptions of the kindergarten teachers, about the development of autonomy, at hygiene time; iii) to find out the conceptions of the families of the children in the Pink Room about the development of autonomy in hygiene.

The research is qualitative in nature, following the guidelines of a case study and using information-gathering techniques: direct participant and non-participant observation, document analysis and consultation, interviews and questionnaire surveys and, as instruments, daily records (field notes) and photographs.

With regard to the results obtained, it was possible to verify, through the interviews with the educators in the socio-educational context and through the questionnaires applied to the families, that they are aware of the importance of autonomy, especially when it comes to hygiene, although they don't always promote it.

**Keywords:** Autonomy, Children, Families, Hygiene, Kindergarten

## ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO.....	4
2.1. O meio e o contexto socioeducativo.....	5
2.2. A equipa educativa e o ambiente educativo.....	6
2.3. As crianças da Sala Rosa.....	11
2.4. As famílias das crianças da Sala Rosa.....	14
3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA.....	16
3.1. Intencionalidades para com as crianças.....	17
3.2 Intencionalidades para com as famílias.....	19
3.3 Intencionalidades para com a equipa educativa.....	20
4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA.....	22
4.1. Identificação da problemática.....	23
4.2. Revisão da literatura.....	23
4.3. Desenho Metodológico e Ético.....	26
4.4. Apresentação e discussão de resultados.....	29
4.4.1 Apresentação dos resultados.....	29
4.4.2 Discussão dos resultados.....	35
5. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE.....	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS.....	49
ANEXO A – Roteiro Ético e Metodológico.....	50
ANEXO B – Guião de entrevista realizada às educadoras do contexto socioeducativo	61
ANEXO C – Legitimação da entrevista colocada às educadoras.....	65
ANEXO D – Transcrição da entrevista realizada à educadora I.....	67
ANEXO E – Transcrição da entrevista realizada à educadora V.....	70

ANEXO F – Transcrição da entrevista realizada à educadora AC.....	73
ANEXO G – Inquérito por questionário realizado às famílias.....	76
ANEXO H – Análise categorial das entrevistas realizadas às educadoras.....	81
ANEXO I – Consentimento informado para a recolha de registos fotográficos .....	92

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

FIGURA 1 Planta da Sala Rosa.....	8
FIGURA 2 Questão sobre se as famílias consideram importante que o/a sua/sua educando/a seja capaz de realizar a sua higiene autonomamente .....	32
FIGURA 3 Questão sobre se as famílias consideram que o seu/sua educando/a é autónomo na sua higiene .....	33
FIGURA 4 Questão sobre se as famílias costumam fomentar a autonomia nos seus/suas educandos/as.....	34
FIGURA 5 Questão sobre quais os momentos da higiene que as famílias consideram que os/as seus/suas educandos/as podem realizar de forma autónoma .....	35

## **ÍNDICE DE TABELAS**

TABELA 1 Rotina das crianças da Sala Rosa.....	9
TABELA 2 Caracterização do grupo de crianças da Sala Rosa.....	11

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

JI	Jardim de Infância
PPSII	Prática Profissional Supervisionada II

# 1. INTRODUÇÃO

| | " | | " |

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), do segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar (MEPE), desenvolvida em contexto de JI, no período de 2 de outubro de 2023 a 31 de janeiro de 2024, com um grupo de 22 crianças, cuja faixa etária corresponde aos 3 anos de idade.

Uma das grandes dificuldades que o grupo apresentava era a nível do desenvolvimento da autonomia e sendo uma temática que me cativa, nasceu este relatório intitulado de *Sou crescido!: Promoção e desenvolvimento da autonomia no jardim de infância – momento da higiene*, e tem como objetivos conhecer as conceções das educadoras e das famílias do contexto socioeducativo e compreender quais os fatores que influenciam o desenvolvimento da autonomia, no momento da higiene.

No que concerne à organização do relatório, este está dividido em quatro partes, da seguinte forma:

- Caracterização do contexto socioeducativo
- Análise reflexiva da intervenção em jardim de infância
- Investigação em jardim de infância
- Construção da profissionalidade

No primeiro capítulo, apresento a caracterização do meio e do contexto socioeducativo, do ambiente educativo da instituição, da equipa educativa, do grupo de crianças e das suas famílias. Para a realização destas caracterizações, de forma ética, procedi à recolha de informação através de observação direta, consulta documental e conversas informais com a educadora. No capítulo seguinte, referente à análise reflexiva da intervenção, identifico as intencionalidades que delinee para com as crianças, famílias e equipa educativa, a fim de guiarem a minha ação profissional.

No que concerne ao terceiro capítulo, menciono qual o tema da problemática selecionada para a investigação que levei a cabo, bem como os seus objetivos, sendo que, de seguida, procedi à sua fundamentação através da revisão de literatura adequada e atual. Posteriormente, identifico as opções éticas e metodológicas pelas quais orientei a minha prática. Por fim, ainda neste capítulo, são apresentados os dados recolhidos, bem como a sua discussão.

No que ao quarto capítulo diz respeito, é apresentada a minha reflexão sobre todos os pontos chave que contribuíram para a construção da minha profissionalidade e para o desenvolvimento da minha identidade enquanto futura educadora. Ao longo do capítulo apresentei todas as dificuldades sentidas no decorrer da PPSII.

Por fim, no quinto capítulo, apresento as considerações finais, que me permitiram avaliar, refletir e compreender a minha intervenção com o grupo de crianças, bem como a importância e impacto do tema selecionado para a investigação.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

| ' ' | | ' ' |

Neste capítulo, intitulado de “Caracterização do Contexto Socioeducativo”, será apresentada uma caracterização do contexto socioeducativo, no qual realizei a minha Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), dividido da seguinte forma:

- i) O meio e o contexto socioeducativo
- ii) A equipa e o ambiente educativo
- iii) As crianças da sala rosa
- iv) As famílias das crianças da sala rosa

As informações apresentadas foram recolhidas utilizando diversas técnicas de recolha de dados, nomeadamente, a observação direta, o registo de notas de campo diárias, a consulta do Projeto Educativo de Escola (PEE, 2023/2024), do Projeto Curricular de Escola (PCE, 2023/2024) e, ainda, referências bibliográficas que permitem aprofundar toda a informação recolhida, de modo a refletir sobre a mesma.

## **2.1. O meio e o contexto socioeducativo**

A fim de caracterizar o contexto socioeducativo, importa fazer o levantamento de informação pertinente, de modo a conhecer o meio envolvente, pois é imprescindível para a prática de um educador estabelecer relação com a comunidade envolvente. A organização socioeducativa onde realizei a PPS II corresponde a um estabelecimento do setor privado, localizado no distrito de Lisboa, no concelho de Sintra, mais concretamente na freguesia de Algueirão Mem-Martins. O contexto socioeducativo foi criado em 2010 e até ao momento tem sofrido algumas alterações na sua constituição, tendo apenas resposta educativa na valência de creche apenas há cerca de 6 anos.

Nesta instituição é possível encontrar resposta educativa na valência de creche (com uma sala de berçário, uma sala de 1 ano e uma sala de 2 anos) e, ainda, resposta educativa na valência de JI (uma sala de 3 anos e uma sala de 4/5 anos) que agrega neste momento cerca de 70 crianças dos 0 aos 5 anos de idade.

O edifício é constituído por dois andares, o piso térreo tem duas salas de pré-escolar, uma casa de banho de crianças, um refeitório e uma cozinha. O piso 1 é formado

por duas salas de creche, um berçário com copa própria, uma casa de banho de crianças com fraldário, um polivalente, duas dispensas de materiais, um núcleo, um gabinete de pessoal, um gabinete de direção e, ainda, duas casas de banho de adultos. A instituição está equipada com mobiliário, material didático e gimnodesportivo em quantidades e com características adequadas às diferentes valências que a mesma tem. As salas de pré-escolar têm acesso ao espaço exterior pela própria sala. Esta organização socioeducativa tem como atividades curriculares: ginástica e música para as valências de pré-escolar e creche. Karaté é também contemplado como atividade curricular, mas apenas para pré-escolar. O contexto socioeducativo disponibiliza, ainda, para as crianças com 4/5 anos, o Inglês, como atividade extracurricular.

As redondezas são destinadas a vivendas e moradias de habitação, a empresas e serviços públicos e, ainda, destinadas a outras organizações socioeducativas. Nesta organização socioeducativa a equipa educativa procura incentivar a participação das famílias, tornando o ambiente mais acolhedor e mais familiar, de modo que o desenvolvimento de competências sejam mais eficazes e a aquisição de aprendizagens sejam mais significativas para as crianças.

## **2.2. A equipa educativa e o ambiente educativo**

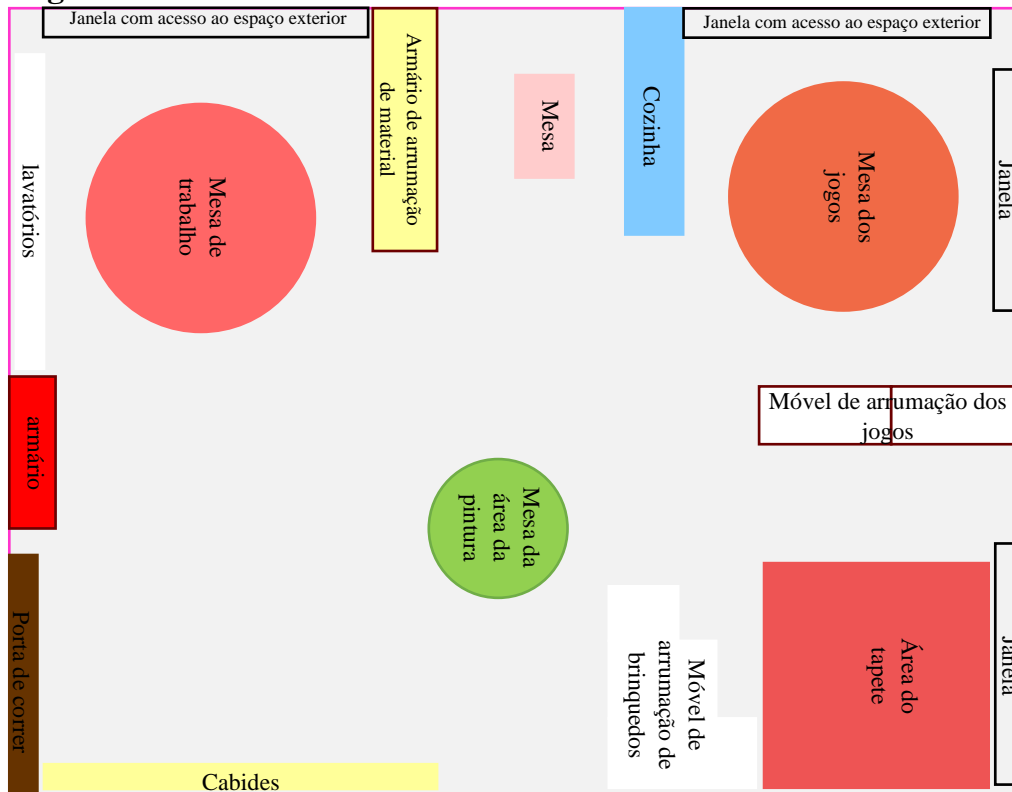
A equipa educativa da Sala Rosa é composta por uma educadora e uma técnica de ação educativa e, através de uma conversa informal com a equipa da Sala Rosa, pude recolher algumas informações sobre os seus percursos. No que diz respeito à educadora, esta apresenta-se na faixa etária dos 50-60 anos e formou-se, academicamente, no Instituto Superior de Educação Jean Piaget, há 29 anos. Desde então já trabalhou por conta de outrem e criou duas organizações socioeducativas, sendo que a primeira se manteve em funcionamento durante 7 anos. O atual contexto socioeducativo, e onde realizei a PPSII, está em funcionamento há 16 anos, tendo mudando de localização 3 anos após o seu início. No que diz respeito à formação contínua, a educadora, desde a conclusão da sua formação, realizou ações de formação relacionadas com a educação e a saúde. No que concerne à técnica de ação educativa, apresenta-se na faixa etária dos 30-40 anos, sendo que, academicamente, tirou o curso de Técnica de Ação Educativa, em Ranholas. Terminou a sua formação em 2022, há cerca de 1 ano e 3 meses e desde então

que exerce a função de auxiliar nesta instituição. Dá apoio à educadora a tempo inteiro, apesar de também, quando necessário, apoia a sala de berçário. Acompanha o grupo desde a creche, o que é possível observar na relação que as crianças detêm com a mesma.

Esta instituição dispõe, ainda, de professores de atividades curriculares. Os docentes mostram-se disponíveis para apoiarem e acompanharem o trabalho desenvolvido com o grupo, proporcionando aprendizagens relativas ao que está a ser trabalhado no momento em sala, com a educadora cooperante, indo ao encontro da intencionalidade educativa prevista para os diferentes grupos de crianças.

No que concerne ao ambiente educativo, Portugal (2011) afirma que a forma como o mesmo está organizado “pode facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade e criatividade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas” (p.2-3). Posto isto, o ambiente educativo do jardim de infância desta instituição é composto por duas salas: uma sala de 3 anos e uma sala de 4/5 anos. Também é composto por uma casa de banho adaptada para as crianças poderem ser autónomas na sua higiene, sendo composta por materiais de higiene necessários. Além das salas e casa de banho, o piso desta valência, é composto por um refeitório que é comum às 4 salas presentes na organização socioeducativa e um espaço exterior, que está dividido, tendo um espaço destinado aos grupos de crianças de JI e um espaço destinado aos grupos de crianças de creche. O espaço exterior da valência de JI é composto por balancés, blocos para trepar, cesto e bolas, uma cozinha e um escorrega. No que diz respeito à organização da sala, na qual realizei a PPSII, é possível observar que o espaço está dividido em cinco zonas: uma mesa com cadeiras, que é utilizada como zona de trabalho e de realização de atividades dirigidas; é composta por uma zona de tapete, onde as crianças se reúnem para a reunião da manhã, para ouvir uma história, cantar uma canção ou para brincar com os pinipons e os dinossauros; é composta também pela área da casinha (área do faz de conta); uma zona de jogos; e, ainda, é composta por diversos armários que são utilizados para arrumar os brinquedos, livros e materiais de trabalho.

**Figura 1 - Planta da Sala Rosa**



Nota. Elaborado pela aluna

Importa referir, que os brinquedos estão ao alcance das crianças, proporcionando a autonomia e iniciativa na escolha das brincadeiras, e todas sabem o lugar dos mesmos, sendo essencial referir que a educadora cooperante, à medida que as crianças se vão desenvolvendo e sendo mais autónomas, vai trocando os brinquedos por outros mais estimulantes.

Nesta instituição e considerando a Tabela 1, o tempo encontra-se organizado de forma simples, adequada à idade do grupo de crianças, formando uma rotina em que as próprias crianças sabem o que é realizado em cada momento do dia, existindo ainda momentos de brincadeira livre e atividades dirigidas pela educadora cooperante.

**Tabela 1***Rotina das crianças da Sala Rosa*

<b>Horário</b>	<b>Situação educativa</b>	<b>Local</b>	<b>Agentes educativos</b>
7h30/9h30	Acolhimento	Refeitório	Auxiliares
9h30/10h	Conversa no tapete e leitura da história	Sala Rosa	Educadora e auxiliar
10h/11h	Brincadeira livre e/ou atividades dirigidas	Sala Rosa	Educadora e auxiliar
11h/11h15	Higiene	Casa de banho	Educadora e auxiliar
11h15/12h	Almoço	Refeitório	Educadora e auxiliar
12h/12h15	Higiene	Casa de banho	Educadora e auxiliar
12h15/14h45	Sesta	Casa de banho/Sala Rosa	Educadora e auxiliar
12h45/15h	Higiene/calçar	Sala Rosa/Casa de banho	Educadora e auxiliar
15h/15h45	Lanche	Sala Rosa	Educadora e auxiliar
15h45/16h	Higiene	Casa de banho	Educadora e auxiliar
16h/17h	Brincadeira livre e/ou atividades dirigidas	Sala Rosa	Educadora e auxiliar
16h15/17h45	Brincadeira livre	Sala Rosa	Educadora e auxiliar

17h45/18h30	Acolhimento	Refeitório	Educadora e auxiliar
-------------	-------------	------------	----------------------

Nota. Elaborado pela aluna

Assim, de modo a analisar a tabela 1, na Sala Rosa, as rotinas diárias são compostas por diversos momentos, tais como: acolhimento, realizado no refeitório até às 9h/9h30; atividades dirigidas ou livres e atividades curriculares (Educação Musical, Ginástica e Karaté); recreio, no exterior, quando as condições meteorológicas o permitem; higiene pessoal; almoço; sesta; lanche e brincadeira livre e/ou atividades dirigidas até às 17h.

As atividades dirigidas pela equipa educativa podem ser histórias, músicas, exploração sensorial, jogos e/ou atividades de expressão plástica, que, normalmente, são realizadas na própria sala. Em momentos de brincadeira livre, as crianças são livres de brincar na área que quiserem, tanto no espaço interior como no espaço exterior.

Todas as quintas-feiras é proporcionada às crianças o contacto com Oficinas de Enriquecimento Curricular, que surgiram com o intuito de enriquecer a qualidade dos serviços educativos da instituição, apresentando um complemento ao projeto pedagógico, sendo importante referir que cada oficina é desenvolvida por uma educadora da instituição. Assim, a equipa educativa disponibilizou 3 oficinas diferentes, tais como “Oficina das Descobertas”, “Oficina do Conto” e, por fim, “Oficina do Saber”.

Quando as crianças têm a possibilidade de brincar no exterior, mesmo que por pequenos períodos, demonstram mais energia e maior predisposição para atividades dirigidas. Infelizmente, por vezes, as condições meteorológicas não permitem que as crianças brinquem ao ar livre, o que afeta, negativamente, o comportamento das crianças.

É de extrema importância permitir às crianças que brinquem de forma livre e espontânea, pois tal como Neto (2020) afirma “por os adultos não lhes permitirem brincar e brincar em liberdade, as nossas crianças estão a tornar-se totós, verdadeiros analfabetos a nível motor” (p.17). Com isto, é essencial que, tanto as famílias como os adultos

cuidadores das crianças, permitam que grande parte do tempo das mesmas seja passado a brincar, explorando o espaço, os objetos, conhecendo os outros e a si mesmo.

### 2.3. As crianças da Sala Rosa

O grupo da Sala Rosa é constituído por 22 crianças, 8 do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Cerca de 11 crianças estão na instituição desde a creche e as restantes ingressaram este ano na organização socioeducativa.

O grupo demonstra ser bastante interessado, dinâmico e entusiástico à realização de novas experiências e aprendizagens. Este grupo é bastante expressivo e é de notar que a maior parte das crianças se expressa por meio da fala, apesar de a linguagem oral ainda estar em expansão, posto isto, por vezes, comunicam por meio de gestos ou expressam o que sentem através de comportamentos.

Através de observação direta e em conversa com a educadora cooperante, foi de fácil perceção os gostos e os interesses que o grupo de crianças tem. De um modo geral, o grupo interessa-se pela área do faz de conta, nomeadamente, cuidar dos bebés, ou seja, dar comida, colo, mudar a fralda, entre outros fazeres. Este grupo também demonstra bastante interesse pela área dos carros e dos jogos de encaixe. Um dos gostos comum a todo o grupo são os animais, ficam bastante atentos e interessados quando são referidos tópicos de conversa sobre os animais e mostradas imagens.

#### Tabela 2

*Caracterização do grupo de crianças da Sala Rosa*

Nome da criança	Género	Data de nascimento	Idade (setembro)	Idade (janeiro)	Interesses	Aquisições (durante o período da PPSII)
A.	Feminino	17/05/2020	3 anos	3 anos	Área do faz de conta e jogos de enfiamentos	Desenvolvimento da linguagem e da autonomia
B.C.	Masculino	28/10/2020	2 anos	3 anos	Pinipons e área dos jogos	Desenvolvimento da linguagem
B.D.	Feminino	15/11/2020	2 anos	3 anos	Jogos de encaixe e área da pintura	Desenvolvimento cognitivo e aquisição de conceitos

D.S.	Masculino	25/10/2020	2 anos	3 anos	Área do faz de conta e área dos jogos	Controlo nos esfínteres e autonomia a calçar-se e a comer
D.L.	Masculino	16/02/2021	2 anos	2 anos	Área da garagem e animais	Maior controlo emocional e autonomia a comer
E.	Feminino	07/10/2020	2 anos	3 anos	Área da pintura e jogos de encaixe	Controlo nos esfínteres e desenvolvimento da fala e desenvolvimento da socialização
G.	Masculino	12/10/2020	2 anos	3 anos	Área da garagem	Desenvolvimento cognitivo e aquisição de conceitos
G.A.	Masculino	16/07/2020	3 anos	3 anos	Pinipons e dinossauros	Controlo nos esfínteres e autonomia a calçar-se e a comer
I.	Masculino	12/06/2020	3 anos	3 anos	Jogos de encaixe e enfiamento, dinossauros e área da leitura	Desenvolvimento da autonomia e consolidação dos conceitos e aprendizagens
J.M.	Feminino	25/02/2020	3 anos	3 anos	Área do faz de conta e área dos jogos	Consciencialização dos limites
J.S.	Masculino	17/08/2020	3 anos	3 anos	Jogos de encaixe e área da garagem	Desenvolvimento da autonomia e consciencialização dos limites
L.B.	Feminino	25/11/2020	2 anos	3 anos	Jogos de encaixe e área do faz de conta	Controlo nos esfínteres e autonomia a calçar-se e a comer
L.A.	Masculino	23/01/2021	2 anos	3 anos	Área da garagem	Controlo nos esfínteres e autonomia a comer
M.D.	Feminino	25/09/2020	3 anos	3 anos	Área do faz de conta	Autonomia a comer e desenvolvimento da socialização

M.M.	Masculino	17/08/2020	3 anos	3 anos	Área da garagem	Autonomia a comer
O.	Feminino	29/05/2020	3 anos	3 anos	Área do faz de conta e área da pintura	Desenvolvimento da linguagem com maior aquisição de vocabulário e desenvolvimento da socialização
P.	Masculino	09/06/2020	3 anos	3 anos	Área do faz de conta e dinossauros	Autonomia a comer e a calçar-se e desenvolvimento da socialização
R.F.	Masculino	17/05/2020	3 anos	3 anos	Área da garagem e jogos de encaixe	Moderação de conflitos e consolidação de conceitos
R.G.	Masculino	10/12/2020	2 anos	3 anos	Área da garagem	Autonomia a comer, moderação de conflitos e desenvolvimento da socialização
S.Q.	Masculino	29/04/2020	3 anos	3 anos	Área da garagem e jogos de enfiamento	Consolidação de aprendizagens e controlo emocional
S.P.	Masculino	26/10/2020	2 anos	3 anos	Área da garagem e área dos jogos	Desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento da socialização
S.PB.	Feminino	01/08/2020	3 anos	3 anos	Área do faz de conta e área dos jogos	Desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento da autonomia

Nota. Elaborado pela aluna

No que toca à autonomia, de um modo geral, as crianças da sala são autónomas, contudo, em termos de higiene e respetivo controlo dos esfíncteres, verifica-se que existem crianças na fase do desfralde.

O grupo é autónomo nas refeições, apesar de por vezes necessitarem de um pequeno auxílio por parte do adulto e, por vezes, necessitam do incentivo do adulto para a concretização de ações de forma autónoma, como por exemplo, no tempo de arrumar.

No que concerne à relação entre pares, o grupo de crianças gosta de brincar em conjunto, apesar de surgirem muitos conflitos principalmente na partilha de brinquedos.

Por meio de observação, foi-me possível perceber que, maioritariamente, conseguem resolver os seus conflitos autonomamente, e, cada vez mais, desenvolvem estratégias que permitem a resolução de problemas.

Este grupo de crianças é bastante afetuoso e gostas de receber afeto por parte do adulto. É recorrente procurarem o adulto para receber um maminho ou um abraço. Também é bastante recorrente observar demonstrações de carinho entre as crianças. É interessante observar que sempre que vai chegando uma das crianças da sala, as restantes já presentes mostram-se bastante contentes e recebem-na calorosamente.

No decorrer da minha PPS II, foi possível perceber que todas as crianças têm uma boa relação afetiva com a equipa educativa, procurando demonstrações de carinho ou algum auxílio. Deste modo, posso afirmar que as crianças da Sala Rosa têm relações bastante próximas entre elas e os adultos presentes na sua rotina, comunicando e brincando diariamente, promovendo assim um ambiente favorável no seu dia a dia.

#### **2.4. As famílias das crianças da Sala Rosa**

O papel dos pais e o papel da educadora e da auxiliar, são muito importantes e significativos no desenvolvimento da criança, pois são as pessoas com quem as crianças passam mais tempo no seu dia a dia. Conforme Mata e Pedro (2021) afirmam, a relação de confiança e de parceria que se estabelece entre pais e profissionais de educação é necessária, de modo que seja possível existir um trabalho conjunto, onde tenham um maior e “melhor conhecimento da criança, dos seus pontos fortes e das suas fragilidades” (p.11), definindo estratégias educativas. Posto isto, torna-se, assim, possível ajudar a criança a ultrapassar os seus problemas.

Tendo sido impossibilitada de aceder a informações sobre as famílias das crianças da Sala Rosa, procurei, junto da educadora cooperante, saber algumas informações sobre as famílias, não colocando qualquer informação que não fosse permitida. De acordo com a educadora cooperante, em conversas informais, são famílias participativas e disponíveis, que gostam de participar em atividades planeadas, organizadas pela instituição. Considero um exemplo significativo desta participação, o envolvimento no projeto que desenvolvi: “Pico – um ouriço-cacheiro”. As famílias responderam muito

positivamente e mostraram-se logo prontas a participar e a ajudar a proporcionar novas aprendizagens às crianças.

Considero importante envolver as famílias, dando-lhes voz, tornando possível que partilhem as suas ideias e o seu ponto de vista. Posto isto, pude observar que a equipa educativa e a própria instituição permite às famílias participarem ativamente no projeto, na rotina, como também nas atividades realizadas com as crianças, mostrando-se sempre disponíveis para novas ideias.

Em suma, importa dar à família a oportunidade de participação por duas razões: torná-la um membro ativo e com voz na comunidade educativa e reforçar o seu papel parental.

### 3. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| | " | | " |

Neste capítulo serão apresentadas e fundamentadas as diferentes intencionalidades, para com as crianças, as famílias e a equipa educativa, que orientaram a minha prática e intervenção educativa, ao longo de toda a PPS II. Tal como é referido por Silva et al. (2016) “a intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática” (p13).

### **3.1. Intencionalidades para com as crianças**

De acordo com Portugal (2009), faz parte do papel do/a educador/a, a criação de uma relação de afeto com a criança, mostrando-se disponível e disponibilizando o seu apoio. Neste sentido, a minha primeira intencionalidade consistiu em **estabelecer uma relação próxima e afetiva com o grupo de crianças, respeitando as necessidades e interesses individuais de cada criança**, uma vez que é essencial que o/a educador/a respeite o tempo de desenvolvimento individual e ritmo de aprendizagem de cada criança. Além disso, esta relação de afeto permitirá conhecer cada uma, as suas principais características, interesses e necessidades.

Conforme é referido na Carta de Princípios para uma Ética Profissional, qualquer profissional de educação tem o dever de “respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional” (APEI, 2011, p.1). Com isto, torna-se importante que o/a educador/a utilize a observação, com o objetivo de ajudar a “compreender o desenvolvimento das crianças nos seus múltiplos aspetos e avaliar o seu progresso ao longo do tempo” (Nabuco, 2000, p.81). Com o propósito de estimular o desenvolvimento individual de cada criança, é imprescindível que o/a educador/a crie um ambiente educativo, tendo como objetivo ajudar as crianças a se tornarem confiantes das suas próprias capacidades, satisfazendo as necessidades básicas individuais de cada criança (Portugal, 2009). Por estas razões, considereei importante **promover um ambiente e atividades significativas, envolvendo as crianças no seu próprio processo educativo, tendo por base os seus interesses e necessidades**. Para Campos e Ramos (2019) as crianças não são desincorporadas da cultura dos adultos, mas sim “são membros da

sociedade em que vivem suas infâncias” (p.52). As crianças são atores sociais que, através da relação com os seus pares ou os outros que a rodeiam, produzem cultura. Os mesmos autores ainda afirmam que a criança deixa, assim, de ser um sujeito isolado que não toma decisões e passa a ser vista como um sujeito social, que vai aprendendo nas relações e interações que tem com os seus pares. Para Portugal (2009), o/a educador/a deve ter a sensibilidade para reconhecer sinais que a criança revela, devendo desenvolver, através da reflexão, a capacidade de compreender e perceber o seu significado e as questões que estão implicadas. Este papel que o adulto detém, em conjunto com a criança, ajuda a criar uma relação mais próxima entre os dois e entre o adulto e o grupo, motivo pelo qual considere importante proporcionar um ambiente positivo, de afeto e de diálogo sobre as diferentes situações do quotidiano.

Acreditando que a criança é um ser ativo, com iniciativa e agente do seu próprio processo educativo, tornou-se essencial **incentivar a participação e envolvimento do grupo de crianças nos vários momentos do dia a dia, promovendo a autonomia e independência do grupo**. Para Vasconcelos (2007) a criança constrói a sua autonomia à medida que se vai construindo a si mesma, na sua individualidade, mas também à medida que vai estando em comunidade. A mesma autora afirma ainda que, “a sua autoestima constrói-se no coletivo, na consciência de ser um elemento importante à vida em comum” (p.113). Deve ser dada à criança a oportunidade de realizar atividades ou momentos sozinha, pois já é capaz de o fazer, sendo que o/a educador/a não deve colocar nenhum tipo de obstáculo à ação da criança. Para Coutinho e Vieira (2020), o/a educador/a deve apenas fazer uma observação atenta, ajudando e guiando a criança apenas se necessário. Através das atividades que propõe às crianças, o/a educador/a deve procurar compreender o que realmente é importante para cada uma e perceber qual o sentido que as crianças dão às atividades e/ou propostas realizadas, para conseguir propor atividades que sejam do interesse das mesmas, levando-as a participar com mais entusiasmo e curiosidade (Portugal, 2009). Esta ação educativa do/a educador/a ajuda o grupo a ter mais confiança em si mesmo, incentivando a realizar as ações autonomamente sem precisar do auxílio do/a educador/a, apesar do mesmo se encontrar disponível caso seja necessário, tendo sido a postura adotada durante toda a minha prática no estágio.

Por fim, reforçando a ideia da criança enquanto ser que se desenvolve no seu próprio ritmo, considere fundamental **incentivar as crianças a verbalizarem o que pensam e sentem, respeitando o ritmo de cada uma**. Como é referido na Carta de Princípios para uma Ética Profissional, é imprescindível que qualquer profissional tenha o dever de “cuidar na relação educativa a gestão da “aproximação” e da “distância”, do respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança utilizando o seu poder no sentido da autonomia de cada uma” (APEI, 2011, p.1). Por isso, o/a educador/a deve criar uma relação de proximidade com a criança, estabelecendo contato, ganhando a sua confiança e tornando possível que a criança se sinta confortável para partilhar os seus sentimentos, experiências, opiniões, interesses e medos.

### **3.2 Intencionalidades para com as famílias**

Para uma prática educativa de qualidade considero que a família deve estar alicerçada à ação do/a educador/a, numa partilha de experiências e de saberes. A primeira intencionalidade que considere ser a mais importante foi **construir uma relação com base no respeito e na comunicação**. Mata e Pedro (2021) afirmam que a comunicação entre a escola e a família é crucial para que a relação de equipa seja eficaz. Para Deslandes (citado por Mata & Pedro, 2021), as relações estabelecidas entre os profissionais de educação e os pais devem ser de confiança, de modo a possibilitar “a ambos ter um melhor conhecimento da criança, dos seus pontos fortes e das suas fragilidades” (p.11), valorizando o papel educativo, tanto do/a educador/a, como da família.

Partindo deste princípio considere importante **incluir as famílias no processo educativo, inteirando-as da minha prática pedagógica**. Tal como é referido na Carta de Princípios para uma Ética Profissional, devemos “promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras” (APEI, 2011, p.2). Para Fuertes (2010) é importante que haja uma colaboração entre os pais e a escola, facilitando e beneficiando o “desenvolvimento linguístico e cognitivo infantil” (p.8). Lemos (citado por Mata & Pedro, 2021) considera também que “para que haja qualidade na educação das crianças, é imprescindível que todos tenham consciência da necessidade de participarem, de se envolverem nos processos educativos” (p.10) e ainda de os partilharem entre si. Considero que os profissionais da educação devem incluir as

famílias, valorizando a sua participação no processo de aprendizagem das crianças. Devemos permitir-lhes que tenham voz e que expressem os seus pontos de vista, conseguindo chegar a um consenso entre as duas partes, a fim de melhorar a proposta e a ação educativa para com as crianças. Ao permitimos que os pais e/ou famílias participem neste processo “reforça o seu papel e o desejo de se envolverem” (Mata & Pedro, 2021, p.16). Se existir uma boa relação entre a família e os/as educadores/as, a integração da criança será mais positiva, aumentando a sua autoestima (Fuertes, 2010).

### **3.3 Intencionalidades para com a equipa educativa**

Para além das intencionalidades para com as crianças e as famílias, foi também fundamental compreender como podia adequar a minha ação educativa, com base no que a equipa educativa definiu enquanto intencionalidades educativas, indo ao encontro da perspetiva apresentada na Carta de Princípios para uma Ética Profissional: “trabalhar em equipa promovendo uma relação de confiança, cooperação e uma prática reflexiva” (APEI, 2011, p.2) é importante para a existência de uma boa prática educativa, tendo como vista principal o bom ambiente e o bem-estar das crianças e adultos. Com isto, pretendi, ao longo da minha prática, **construir uma relação de respeito, comunicação e cooperação**. Na minha perspetiva, o respeito está na base de qualquer relação estabelecida, por isso, para mim, foi uma atitude constante, a fim de garantir um ambiente educativo inclusivo e saudável, através da comunicação e cooperação entre todos os elementos da equipa educativa.

Apoiada nesta intencionalidade, surge outra, que recai em **desenvolver um trabalho em colaboração com a equipa, partilhando e integrando-me nas suas práticas e rotinas**. Pretendi, durante o meu estágio e ao longo de toda a minha ação educativa, partilhar as minhas ideias e práticas com a educadora cooperante e/ou a auxiliar de ação educativa, bem como os restantes elementos da instituição, a fim de apoiar a ação pedagógica da equipa e, se possível, ajudar a complementá-la. Para isso, precisei de basear a minha ação na observação e comunicação, permitindo conhecer os princípios que norteiam as suas práticas e objetivos. Com esta interação, pretendo complementar, ajustar e, conseqüentemente, melhorar a minha prática, os meus ideais e os meus objetivos.

Com toda a vivência de estágio, e aprendizagens constantes, considero que, enquanto futura educadora, é importante criar uma relação positiva com todos os intervenientes, crianças, famílias, equipa educativa, com base na comunicação, respeito e cooperação entre todos, a fim de melhorar a minha prática e, com vista a aprendizagem conjunta, a melhoria da prática de cada profissional, de olhos postos no bem-estar, interesses e curiosidades das crianças.

## 4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

Neste capítulo é introduzido o tema central desta investigação, no contexto de Jardim de Infância, abordando quatro componentes diferentes, a designar:

- (i) a problemática emergente;
- (ii) uma revisão de literatura sobre o tema;
- (iii) um roteiro metodológico e ético pelo qual regi a investigação;
- (iv) os resultados obtidos e uma breve discussão dos resultados

#### **4.1. Identificação da problemática**

Com o iniciar da PPS II, através de registos de observação, notas de campo e conversas informais com a equipa educativa de sala, educadora cooperante e auxiliar, fui refletindo sobre os acontecimentos que sucediam, destacando-se a autonomia do grupo de crianças nas tarefas da sua rotina, principalmente no momento da higiene. Ao longo da primeira semana de estágio de intervenção, pude observar que algumas crianças do grupo ainda estavam numa fase muito inicial do desfralde.

Ambicionando conhecer e compreender cada criança e o seu desenvolvimento, senti a necessidade aprofundar esta problemática, intitulada de *Sou crescido!: Promoção e desenvolvimento da autonomia no jardim de infância – momento da higiene*.

#### **4.2. Revisão da literatura**

Os primeiros anos de vida são marcados por mudanças e transformações rápidas e determinantes, sendo que dependem das experiências vividas e da influência do meio (Sameroff & Fiese, citado por Assis & Fuertes, 2014). Ao longo destas mudanças ao longo do tempo, para além do/a educador/a, as famílias têm um papel essencial no desenvolvimento das crianças, pois, tal como Fuertes e Portugal (citados por Assis & Fuertes, 2014) afirmam,

a participação dos pais pode ter um impacto positivo nas práticas porque: são os pais que melhor conhecem os filhos e podem transmitir informação crítica acerca da criança à escola, podem participar nas atividades e dar continuidade a essa prática no dia a dia da criança, podem contribuir com

meios e recursos, e podem transmitir confiança aos filhos na escola (p.153).

Recuando no tempo, na sociedade medieval a infância não existia, pois, as crianças eram vistas como “pequenos adultos”, não sendo dado atendimento às necessidades próprias da idade e assim que a criança tinha condições para viver sem os cuidados constantes do adulto, esta ingressava no mundo adulto, ou seja, a criança começava a trabalhar. No século XVIII a criança ainda era vista como “um ser primitivo, irracional, não pensante” (Miguel, 2009, p.2). Posteriormente, com a Revolução industrial, no século XIX, deu-se o crescimento das cidades e, conseqüentemente, começou a existir mais mão de obra adulta para trabalhar na área da indústria. Com isto, as mulheres começaram a precisar de trabalhar e foi, dessa forma, que foram criadas as primeiras creches onde as crianças permaneciam enquanto as mães trabalhavam. Como nos primeiros tempos, as instituições serviam para dar assistências às famílias, o educador assumia um papel apenas de cuidador, com um caráter não-educativo. Só mais tarde é que começou a assumir um papel mais educativo, com uma componente pedagógica e com intencionalidades nas propostas de atividades a desenvolver com as crianças (Cerisara, 1999).

Assim, importa perceber, no âmbito do desenvolvimento infantil, o conceito de autonomia, foco da investigação realizada. Silva (2016), nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, menciona que

a construção da autonomia envolve uma partilha de poder entre o/a educador/a e as crianças, que têm a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões, assumindo progressivamente responsabilidades pela sua segurança e bem-estar, não só no jardim de infância, mas também em diversas situações da vida, demonstrando progressivamente consciência dos perigos que pode correr e da importância de hábitos de vida saudável (p.36).

Partindo desta visão, da construção da autonomia da criança ao longo do seu crescimento, assume-se esta capacidade como um ponto importante da vida da criança, pois ao longo do tempo, do seu crescimento e desenvolvimento, acaba por ir estando,

gradualmente, sem a presença de um adulto e é necessário que esta tenha a capacidade de se resolver sozinha. Ao longo do desenvolvimento a criança vai “encontrando as suas próprias estratégias para resolver um problema com o qual se depara” (Mota & Simões, 2019, p.55).

Considerando que, de acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (s.d), autonomia deriva do grego *autonomía*, que significa “liberdade moral ou intelectual” e “independência”, quando falamos sobre o desenvolvimento da autonomia podemos abordar diversos subtemas, tais como a gestão de conflitos, a alimentação, o sono, autonomia na tomada de decisões individuais ou em grupo, mas também podemos abordar a autonomia no momento da higiene.

Enquanto bebés, é necessário todo um cuidado na realização da higiene da criança. Por questões de desenvolvimento, o adulto assume um papel preponderante nesta etapa da vida do bebé. No entanto, com o crescimento “começam a desempenhar um papel cada vez mais ativo nas suas próprias rotinas de higiene” (Post & Hohmann, 2003, p.230), sendo necessário que o adulto dê tempo e espaço à criança nesta conquista.

Para que a criança desenvolva a autonomia no momento da higiene, torna-se importante organizar a área de forma “suficientemente convidativa e interessante” (Post & Hohmann, 2003, p.130) de modo que a criança tenha vontade de lá estar pelo tempo necessário para realizar a sua higiene, seja na muda da fralda ou na utilização da sanita ou, simplesmente, no momento de lavar as mãos. Para os mesmos autores é benéfico que a área da higiene seja próxima à área da brincadeira, pois “proporciona um acesso mais fácil e direto” (p.131).

De modo a apoiar as crianças no seu desenvolvimento de autonomia, para crianças que estejam a fazer o desfraldes ou até mesmo as que já o fizeram, “os lavatórios e as sanitas devem ser baixos” (Post & Hohmann, 2003, p.230), as torneiras e o sabonete, bem como o papel higiénico também devem estar ao fácil alcance das crianças. De um modo geral, as casas de banho infantis devem estar contruídas e organizadas de forma a possibilitar o desenvolvimento da autonomia na higiene.

À medida que a criança começa a ter maior controle nos esfíncteres e começam a ser mais independentes, começam também a querer fazer as coisas sozinhas sem qualquer ajuda. Torna-se, assim, importante continuar a encorajar a criança a fazer a sua higiene autonomamente, mesmo que “na medida em que as primeiras tentativas de cuidar do seu corpo consomem muito tempo e são ineficazes segundo os padrões dos adultos” (Post & Hohmann, 2003, p.238). Deste modo, os mesmos autores afirmam que, o/a educador/a tem o papel de “apoiar pacientemente estas tentativas, do mesmo modo que dão apoio paciente quando estas aprendem a comer sozinhas, a empilhar blocos a andar sem ajuda” (p.238).

Quando a criança está a fazer o desfralde, como referem Brazelton e Sparrow (2007) “(...) os acidentes acontecem. Acontecem muitas vezes quando a crianças está sob pressão ou quando está a adaptar-se a novas exigências” (p.52). Deste modo, “em geral, as reações dos pais [e dos restantes adultos] aos acidentes devem ser o mais subtis possível” (p.52), falando calmamente com a criança, dizendo que é natural cometer erros e existirem acidentes. A criança encara os acidentes e os erros cometidos com muita seriedade, por isso, é essencial observar e escutar a criança de modo a ajudá-la a encarar estes momentos.

Posto isto, e em modo de conclusão, para que o desfralde seja feito com sucesso, é necessário, em primeiro lugar, ouvir e respeitar a criança percebendo os sinais que nos transmite, e, posteriormente, a equipa educativa e a família devem estar em sintonia e ambas devem-se empenhar para, progressivamente, a criança seja cada vez mais autónoma na sua higiene.

### **4.3. Desenho Metodológico e Ético**

A problemática intitulada de *Sou crescido!/: Promoção e desenvolvimento da autonomia no jardim de infância – momento da higiene*, apresenta três objetivos: i) conhecer quais os fatores que influenciam o desenvolvimento da autonomia; ii) conhecer e compreender as conceções das educadoras de infância participantes, sobre o desenvolvimento da autonomia, no momento da higiene; iii) conhecer quais as conceções das famílias das crianças da Sala Rosa sobre o desenvolvimento da autonomia na higiene.

Tendo em conta a problemática, o método selecionado para realizar a investigação foi o método de estudo de caso, utilizado “quando o investigador não controla o desenrolar dos acontecimentos e quando o estudo se focaliza sobre fenómenos no contexto da vida real” (Yin, citado por Cardoso & Rego et al., 2017, p.27). A investigação proposta recai sobre o paradigma de natureza qualitativa (análise de conteúdos) o que implica tarefas cruciais no decorrer de uma investigação, tais como: a recolha e análise de dados e a participação de um investigador no processo, com o intuito de realizar descobertas que devem ser descritas, compreendidas e interpretadas.

No que diz respeito aos participantes nesta investigação, participaram as famílias das crianças da Sala Rosa e as três educadoras da instituição. Para o efeito, todos os participantes foram consultados e informados dos objetivos do estudo e das suas metodologias. A confidencialidade dos dados e o direito a desistir em qualquer momento sem nenhum prejuízo, foram garantidos. De forma a conhecer as conceções das famílias sobre a o desenvolvimento da autonomia no momento da higiene, foi enviado um inquérito por questionário, onde foram explicitados os objetivos da investigação, sendo solicitada a sua participação de todos.

Importa selecionar previamente uma diversidade de técnicas e instrumentos de recolha de dados, de forma a recolher informações viáveis e fidedignas, sendo importante, por esse motivo, assegurar que “os métodos e técnicas de recolha de informação são utilizados de forma a obter informação suficiente e pertinente” (Fragoso, citado por Meirinhos & Osório, 2010, p.59).

Deste modo, a primeira técnica utilizada foi a observação direta participante e não participante, na qual Yin (citado por Meirinhos & Osório, 2010) afirma que neste tipo de observação o investigador deixa de ser meramente um observador passivo, podendo assumir vários papéis no estudo de caso, “podendo mesmo participar em acontecimentos a serem estudados” (p.61). Ao longo de toda a PPSII, recorri às notas de campo para ilustrar momentos de higiene, sendo possível auxiliar-me na minha investigação que levei a cabo.

Relativamente à entrevista semiestruturada, esta foi aplicada às três educadoras da organização socioeducativa, com o intuito de conhecer as conceções que as profissionais de educação têm acerca do desenvolvimento da autonomia, no momento da higiene. Neste

tipo de entrevista “o entrevistador vai levantando uma série de questões que pretende abordar, mas deixando sempre ao entrevistado a possibilidade de moldar o seu conteúdo, numa interação permanente” (Morgado, 2013, p. 74).

No que concerne ao inquérito por questionário, foi aplicado às famílias das crianças da Sala Rosa, com o intuito de conhecer as suas conceções sobre o desenvolvimento da autonomia no momento da higiene, mencionando como incentivam a autonomia do/a seu/sua educando/a no dia a dia. Na perspetiva de Santos e Henriques (2021) um inquérito por questionário “é por norma aplicado a um conjunto de indivíduos (inquiridos), sobre os quais se pretende recolher informações (dados) para analisar, interpretar e retirar conclusões, tendo em vista responder aos objetivos da investigação” (p.10). Apesar do questionário, por norma, ser utilizado em estudos quantitativos, este poderá “prestar um importante serviço à investigação qualitativa” (Meirinhos & Osório, 2010, p.62).

A última técnica utilizada corresponde à análise e consulta documental: “(...), baseada na interpretação coerente, tendo em vista a temática proposta (...)” (Cechinel, Fontana, Della, Pereira & Prado, 2016, p.4). Neste caso realizei a análise do projeto pedagógico do contexto socioeducativo e de fontes bibliográficas referentes à temática, com o intuito de me ajudar a identificar, compreender, fundamentar e refletir sobre a minha temática de investigação.

Por fim, para além dos aspetos supramencionados, pretendia ressaltar a dimensão ética que deve sempre ser alicerçada à formação académica, bem como à ação pedagógica de todos os profissionais de educação de infância. Assim, é importante desenvolver “um conjunto de pressupostos éticos que permitam (...) a flexibilidade para enfrentar as variadas circunstâncias que pode descobrir durante a investigação” (Fernandes & Tomás, 2011, p. 9). Posto isto, ao longo de toda a minha PPSII, tendo sempre em vista a relevância desta dimensão, tive em consideração os princípios éticos e deontológicos defendidos por Tomás (2011), bem como os compromissos éticos pessoais e profissionais da APEI (2011), que adotei ao longo da minha prática (Anexo A – Roteiro Ético)

## 4.4. Apresentação e discussão de resultados

O presente capítulo pretende apresentar os resultados da informação recolhida através das entrevistas semiestruturadas realizadas, assim como, dos inquéritos por questionário. A apresentação dos resultados surge da análise das entrevistas realizadas às educadoras de infância participantes e dos inquéritos por questionário realizados às famílias da sala onde realizei a PPSII.

### 4.4.1 Apresentação dos resultados

#### 4.4.1.1 O desenvolvimento da autonomia no momento da higiene: visão das educadoras participantes

A fim de compreender a posição que as educadoras do contexto socioeducativo têm sobre a autonomia das crianças, especificamente no momento da higiene, realizei uma entrevista semiestruturada (Anexos B), na qual foram abordados tópicos referentes (i) às conceções sobre autonomia; (ii) as principais preocupações no desenvolvimento da autonomia; (iii) as principais estratégias no desenvolvimento da autonomia e (iv) as principais dificuldades no desenvolvimento da autonomia.

De acordo com as respostas (Anexo D, E e F) e, quando questionadas sobre o que entendiam por autonomia, as educadoras V. e AC. referiram que a autonomia, de uma forma global, corresponde ao sermos capazes de fazer as tarefas do dia a dia sozinhos. Enquanto a educadora I. afirmou que

*“autonomia é essencialmente incentivar e deixar fazer. É errar para aprender, é cair para levantar” (educadora I)*

No que concerne às principais preocupações sentidas no desenvolvimento da autonomia das crianças no momento da higiene, verifica-se preocupações ao nível da realização de tarefas básicas

*“(...) a colocar a roupa toda para baixo, para não se sentarem em cima da roupa, o que acontece muito. Também se têm papel para limpar, se puxam ou não o autoclismo, se lavam as mãos” (educadora A.C.)*

O acreditar em si próprio e nas suas capacidades emerge também no discurso de uma das educadoras

*“(...) no momento da higiene a criança esteja segura do que faz” (educadora I)*

Assim, uma das maiores preocupações no desenvolvimento da autonomia é transmitir confiança à criança para ser possível tornar-se cada vez mais autónoma. Uma das suas estratégias para colmatar esta preocupação é o incentivo do adulto, bem como o reforço positivo. Surge ainda preocupações no desenvolvimento da autonomia na execução das tarefas da higiene diária, sendo referido por uma das educadoras algumas dessas tarefas

*“(...) como lavar as mãos, os dentes, limpar-se quando vai à casa de banho, etc.”(educadora V.)*

No que diz respeito às dificuldades sentidas, no discurso das educadoras surge o papel das famílias no processo de desenvolvimento de autonomia no momento da higiene

*“os pais fazem tudo por elas e não as deixam ser mais independentes” (educadora V.)*

No entanto, a educadora I. apesar de referir que muitas vezes a roupa que trazem não é mais adequada para uma criança que esteja a começar a ser autónoma no momento da higiene, surge ainda, da parte das crianças, o receio de errar nas tarefas da higiene realizadas autonomamente

*“(...) molhar o chão, molhar a roupa” (educadora I.)*

De um modo geral, no discurso das educadoras entrevistadas, as principais estratégias adotadas recaem sobre o encorajamento e reforço positivo, o que permite à criança alguma liberdade, apesar de, inicialmente, terem o seu auxílio. Nos momentos de higiene, as canções mimadas surgem enquanto estratégia de ação, no discurso de uma das educadoras

*“(...) enquanto lavam as mãos e faço os gestos com as mãos para que possam reproduzir” (educadora A.C.)*

Relativamente à caracterização do grupo de crianças da sala onde realizei a Prática Profissional Supervisionada II, a educadora refere a falta de autonomia do grupo

*“(...) muito imaturo e muito pouco autónomo” (educadora I.)*

explicitando que esperam que o adulto faça tudo por eles. No entanto, ressaltou que, após algum trabalho e envolvimento, já eram visíveis resultados positivos e progressivamente mais autónomos. De um modo geral, a educadora considera que, relativamente à autonomia do grupo, no momento da higiene, está

*“(...) emergente, ainda com algumas dificuldades e muita preguiça e existem alguns “acidentes” à mistura” (educadora I.)*

No fim das entrevistas, as três educadoras referiram que é importante sensibilizar as famílias e envolvê-las neste processo de conquista de autonomia. No discurso de uma das educadoras surgiu a importância de respeitar o tempo individual de cada criança, no entanto, reforça a visão de ser fundamental, deixar de fazer as tarefas pela criança gradualmente, incentivando-as,

*“(...) pois cada vez mais se nota uma certa dificuldade nos movimentos e no próprio desenvolvimento das crianças” (educadora A.C.)*

#### 4.4.1.2 O desenvolvimento da autonomia no momento da higiene: visão das famílias participantes

Com o intuito de compreender a visão das famílias das crianças do contexto socioeducativo, sobre o desenvolvimento da autonomia das crianças, especificamente no momento da higiene, realizei um inquérito por questionário (Anexo G), na qual foram abordados tópicos referentes (i) às concepções sobre autonomia; (ii) as principais dificuldades sentidas no desenvolvimento da autonomia; (iii) as principais estratégias sentidas no desenvolvimento da autonomia; (iv) quais os momentos no momento da higiene que consideram importantes a criança realizar e (v) como fomentam a autonomia dos/as seus/suas educandos/as no momento da higiene.

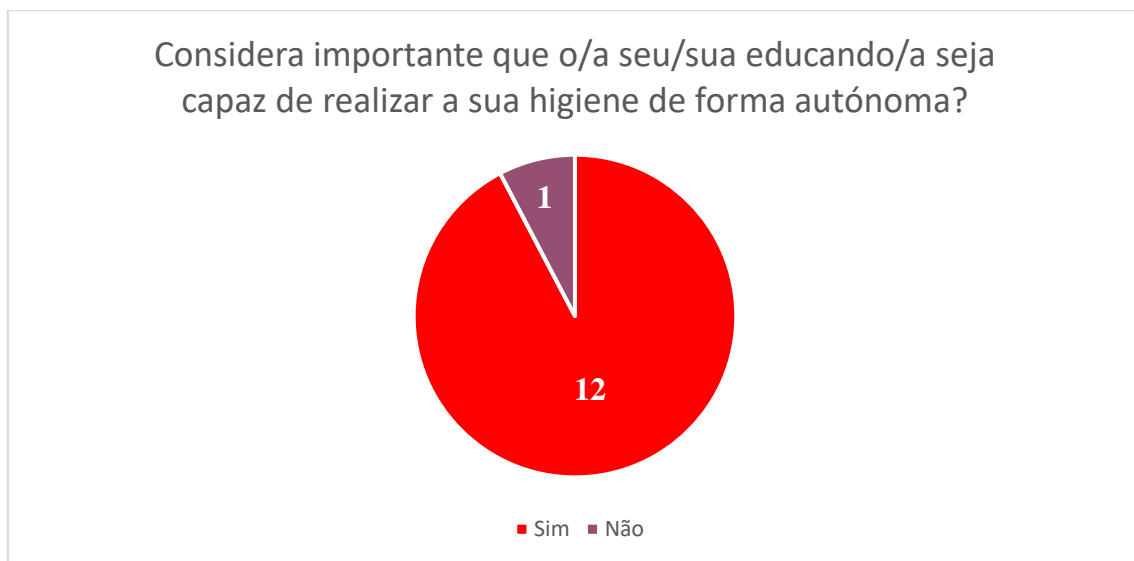
Importa referir que das 22 famílias inquiridas, apenas 13 responderam ao questionário, sendo que 9 dos educandos são do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

De um modo geral, quando questionadas sobre o que entendiam por autonomia, as famílias afirmaram como sendo a capacidade de realizar as tarefas de forma autónoma e adquirir independência individual. Tendo também surgido que, independentemente de a tarefa ser realizada autonomamente, é importante perceber que nem sempre é da forma correta.

Na figura que surge de seguida é apresentada a opinião das famílias no que concerne à importância de os/as seus/suas educandos/as realizarem a sua higiene de forma autónoma.

## Figura 2

*Questão sobre se considera importante que o/a educando/a seja capaz de realizar a sua higiene autonomamente*



Através da figura 2, é possível perceber que, de um modo geral, as famílias consideram importante que os seus educandos sejam autónomos na realização da sua higiene, havendo apenas uma família que discorda desta opinião.

Na perspetiva das famílias, a principal dificuldade sentida na promoção da autonomia dos seus/suas educandos/as no momento da higiene, incide na dificuldade que os/as seus/suas educandos/as demonstram em realizar a sua higiene autonomamente nas tarefas na casa de banho, como realizar a limpeza do seu corpo.

Algumas das famílias também consideram que a falta de iniciativa por parte da criança em realizar a sua higiene é uma dificuldade sentida no dia a dia.

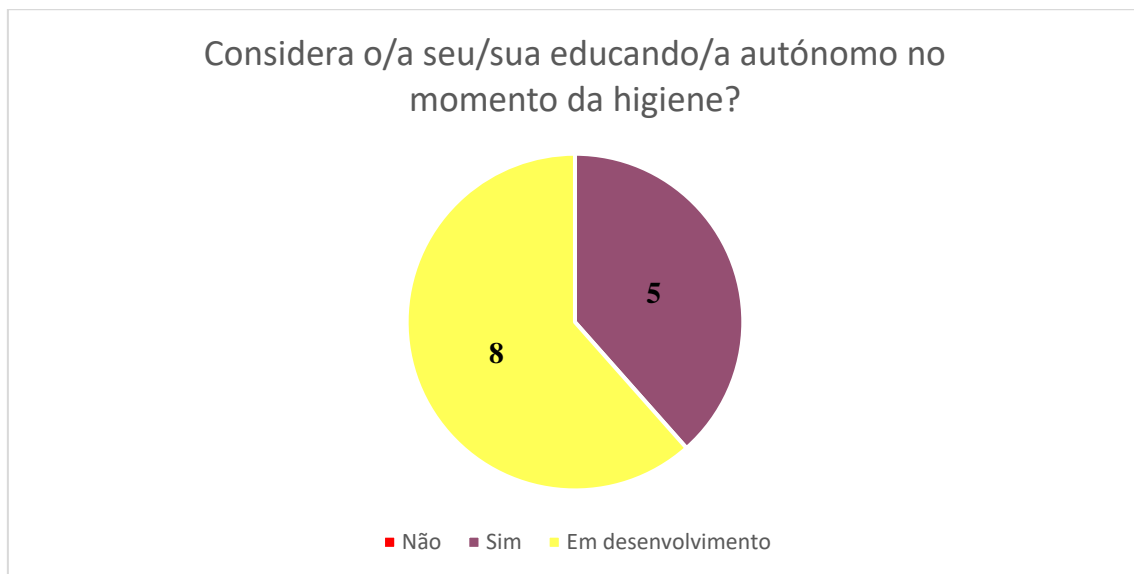
Segundo os inquéritos realizados, apesar de serem sentidas algumas dificuldades, como as referidas anteriormente, o adulto deve adotar estratégias para colmatar as dificuldades que vão ocorrendo:

- “Tornar o processo divertido usando jogos e dar incentivos em algumas situações”
- “Deixar fazer sozinha, mas sempre com a supervisão do adulto”
- “Quando vou fazer a minha higiene, chamo-o para fazer igual”
- “Explicar-lhe várias vezes de forma interativa”
- “Explicação, demonstração e exemplificação”

A figura seguinte apresenta a visão das famílias no que diz respeito à autonomia dos/as seus/suas educandos/as no momento da higiene.

### Figura 3

*Questão sobre se considera que o/a educando/a é autónomo na sua higiene*



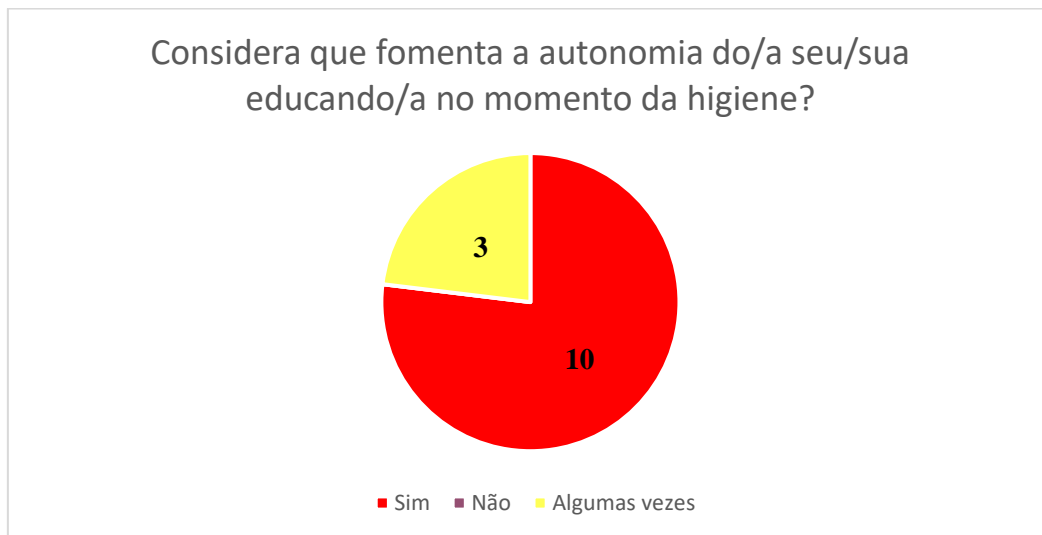
Na perspetiva das famílias, a autonomia no momento da higiene das crianças da sala onde realizei a Prática Profissional Supervisionada II, na sua maioria, está em desenvolvimento. Isto significa que ainda não são totalmente autónomas nesta tarefa e

que precisam do auxílio do adulto. No entanto, 5 das famílias inquiridas, afirmam que os seus educandos são autónomos na sua higiene, realizando as tarefas corretamente sozinhas. É de referir que nenhuma das famílias considerou que o seu educando não era autónomo, não sendo capaz de realizar nenhuma tarefa sozinho.

Na figura que surge de seguida é apresentada a opinião das famílias no que diz respeito a se fomentam a autonomia dos/as seus/suas educandos/as.

#### **Figura 4**

*Questão sobre se as famílias fomentam a autonomia dos seus/suas educandos/as*

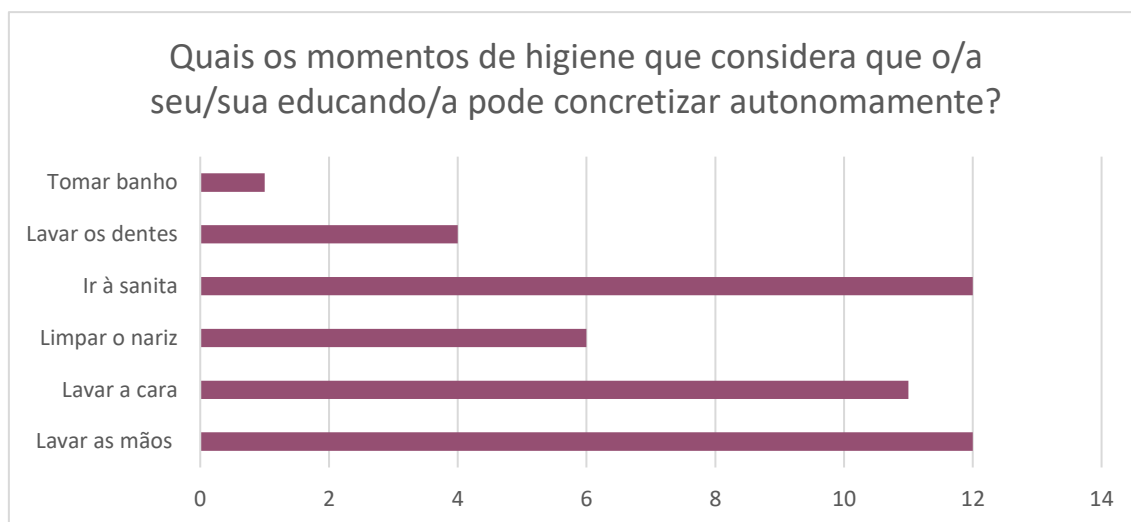


Quando questionadas se fomentam a autonomia da criança, 10 das famílias disseram que sim, por outro lado, 3 famílias afirmaram que apenas algumas vezes o faziam, que incentivam a autonomia da criança, mas nem sempre o fazem.

Na figura apresentada de seguida são referidos quais os momentos de higiene as famílias consideram ser importante dos/as seus/suas educando/as realizarem autonomamente.

## Figura 5

*Questão sobre quais os momentos da higiene que as famílias consideram que os/as seus/suas educandos/as conseguem realizar de forma autónoma*



Ao observar a figura 5, é possível perceber quais as tarefas que as famílias consideram importante que as crianças realizem autonomamente no momento da higiene, que são: a criança ir à sanita fazer as suas necessidades e a criança ser capaz de lavar as mãos sozinha.

### 4.4.2 Discussão dos resultados

O conceito de autonomia, quer na visão das educadoras quer na visão das famílias, é definido como ser um indivíduo independente, capaz de fazer tarefas sozinho, mesmo com o apoio dos adultos. Silva et. al. (2016) corrobora com esta perspetiva, afirmando que “a construção da autonomia envolve uma partilha de poder entre o/a educador/a e as crianças, que têm a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões, assumindo progressivamente responsabilidades pela sua segurança e bem-estar” (p.36).

A criança, gradualmente, vai começando a demonstrar que quer realizar as tarefas de forma autónoma, por isso, importa que os adultos proporcionem às crianças condições e possibilidades para que aconteça positivamente. Neste sentido, a maior parte das famílias consideram que a autonomia dos/as seus/suas educandos/as está em

desenvolvimento. Importa referir que esta visão é compartilhada com uma das educadoras participantes.

No que diz respeito a dificuldades sentidas, no discurso das educadoras, as famílias realizam as tarefas pelas crianças, não permitindo que as realizem autonomamente. Esta ideia diverge da perspectiva das famílias, que, quando questionadas, consideram que fomentam a autonomia nas crianças, tendo apenas 3 famílias referido que, por vezes, não o fazem. O envolvimento das famílias, neste trabalho de parceria, é muito importante no desenvolvimento da autonomia das crianças, pois tal como referem Brazelton e Sparrow (2007), o processo de treino da higiene “é mais fácil se for partilhado, entre os pais e a criança [e entre o/a educador/a e a criança], e se for cumprido passo a passo” (p.41). Tal como é referido pelos mesmos autores, “os pais, as educadoras e outros profissionais de cuidados infantis têm de chegar a um entendimento” (p.61), pois a motivação da criança para o treino da higiene recai sobre a imitação dos adultos significativos para a vida da mesma. Assim, todos os adultos significativos na vida da criança devem partilhar este processo com a mesma, mostrando-se presentes e disponíveis.

Importa que o adulto tenha noção do impacto das interações que tem com a criança. É essencial que enquanto a criança realiza a sua higiene, o adulto interaja com ela centrando-se na mesma. Assim, Post e Hohmann (2003) afirmam que

“quando os educadores compreender o impacto destas interações com as crianças, dão uma maior atenção à criança (...). Eles sabem que o interesse genuíno pela criança fortalece o elo de ligação entre si e a criança bem como os sentimentos de confiança e de segurança por parte da criança.”  
(p.235)

As educadoras e as famílias entrevistadas demonstram que têm consciência da importância das interações que têm com a criança, enquanto esta realiza a sua higiene. É de referir que encorajam a criança, realizam a higiene em conjunto com mesma, mesmo que com alguma liberdade e auxiliam a criança nas tarefas mais difíceis da higiene.

## 5. CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE

| ' ' | | ' ' |

Neste capítulo pretendo refletir sobre o percurso realizado e os valores adotados durante as Prática Profissional Supervisionada I e II, compreendendo os aspetos mais significativos para a minha aprendizagem e mencionar o impacto que esta experiência teve para a construção da minha identidade profissional, enquanto futura educadora de infância. Assim, Júnior (2010) refere que “a reflexão, como capacidade de se voltar sobre si mesmo (...) supõe a inevitabilidade de utilizar o conhecimento à medida que vai sendo produzido, para enriquecer e modificar a realidade e suas representações, as próprias intenções e o próprio processo de conhecer” (p.581).

No que diz respeito à minha prática em contexto de estágio, considero que o caminho foi realizado lado a lado com as crianças, tendo um papel essencial nas aprendizagens realizadas ao longo de todo o percurso. Não só as crianças foram imprescindíveis, como também as famílias e a equipa educativa de ambos os contextos. As famílias demonstraram-me o seu apoio, mesmo que no primeiro contexto tenha existido algumas dificuldades no contacto com as famílias. Com as equipas educativas pude aprender a guiar a minha prática, realizando aprendizagens essenciais para o futuro.

A minha inclusão no grupo e na equipa educativa na Prática Profissional Supervisionada II foi mais serena do que na Prática Profissional Supervisionada I, pois já fazia parte da equipa educativa do contexto socioeducativo e o grupo de crianças, a equipa educativa e as famílias já me conheciam. Outro dos fatores que influenciou a minha adaptação aos meios, foi o período no qual foi realizado o estágio, na Prática Profissional Supervisionada I o estágio ocorreu entre fevereiro e junho, já a Prática Profissional Supervisionada II foi realizada entre outubro e janeiro. Neste sentido, torna-se mais simples e mais familiar a adaptação conjunta ao espaço e a todos os intervenientes no mesmo, do que, de certa forma, estar a forçar a minha presença num grupo já adaptado e com uma rotina própria. Ainda assim, considero que o meu percurso em ambos os contextos socioeducativos foram significativos na construção do meu “eu” enquanto pessoa e futura profissional de educação.

Na educação reconheço que todos os fatores são essenciais, mas as crianças são a base. Assim, enquanto profissional de educação, é imprescindível considerar a criança

como um ser individual, respeitando as suas necessidades, interesses, dificuldades e capacidades.

Ambas as equipas educativas, acolheram-me muito bem como estagiária. As equipas, de um modo geral, por já ter muitos anos de experiência, possibilitaram-me observar diversas estratégias utilizadas, permitindo-me perceber quais as intencionalidades que devo implementar na minha prática. Em ambos os contextos socioeducativos, as educadoras cooperantes com quem pude trabalhar sempre respeitaram a minha individualidade e sempre se demonstraram disponíveis para partilhar a sua opinião, auxiliando-me na construção da minha profissionalidade. Ambas, nas suas práticas, procuram respeitar o tempo de cada criança e todos os seus interesses, adequando a sua prática profissional e as suas ações ao grupo de crianças. Como futura educadora, procuro, de igual forma, observar o grupo e criar estratégias de modo a respeitar cada criança, fazendo com que se sintam seguras e confiantes de si mesmas.

As famílias das crianças das salas onde me encontrei a realizar os dois estágios foram minhas aliadas neste percurso. Uma das minhas preocupações sempre foi a comunicação com as famílias, pois só com uma boa comunicação, entre ambas as partes, é possível realizar um trabalho em equipa. Ao longo de toda a minha ação fui inserindo as famílias em atividades da rotina das crianças, tentando apelar à sua participação em todos os momentos propostos. Neste sentido, no futuro, pretendo, sempre que possível, incluir as famílias na minha prática e ação, pois considero que são imprescindíveis na educação das crianças e quando um trabalho colaborativo entre a equipa educativa, a criança e a família, o envolvimento e trabalho de todas as partes é feito mais fluente e positivamente.

Apesar de estar a tirar o mestrado em educação pré-escolar para futuramente ser educadora, neste momento sou auxiliar e considero que, tal como as educadoras, têm um trabalho importante. Nesta perspetiva, as auxiliares dos contextos socioeducativos, mostraram-se sempre disponíveis para me auxiliar caso necessitasse, partilharam comigo diversas experiências, materiais e ideias para melhorar a minha prática. Deste modo, considero que, para uma melhor prática, é essencial que todos os elementos da equipa educativa sejam valorizados e respeitados.

Com base na minha observação, fui capaz de planejar e executar tarefas e atividades estimulantes para o grupo de crianças, procurando sempre responder às curiosidades e interesses demonstrados pelo grupo. Nestes momentos, foi-me possível ir moldando e modificando a minha prática, adequando as propostas, não só à idade, mas também às necessidades e interesses demonstrados pelo grupo.

Perante as minhas dificuldades, fui sendo muito positiva e procurei sempre melhorar ao longo do tempo, nunca considerando a minha opinião como a única opção correta, sendo assim que procuro ser como educadora. Importa reconhecer o erro, mas também ter a capacidade de, posteriormente, melhorar.

As reflexões semanais, apesar de as ter feito com alguma dificuldade, foram momentos de reflexão muito enriquecedores, que contribuíram para a minha aprendizagem dos diversos temas, para o meu crescimento pessoal e, ainda, para a minha prática profissional. Estes momentos de reflexão deram-me a oportunidade de pesquisar, refletir e enriquecer o meu conhecimento sobre diferentes temas, selecionados por mim, que tão importantes são na vida da criança e, ainda, refletir sobre a importância do meu papel enquanto futura educadora. Para a realização destas reflexões semanais, foi necessário realizar o registo de notas de campo, nas quais registei as situações e momentos que considerei pertinentes e importantes. Estes registos auxiliaram-me, não só, na seleção do tema, que fui selecionando reflexão após reflexão, como também foram essenciais na investigação que levei a cabo.

Após o primeiro mês de observação em ambos os contextos e com ambos os grupos, qual seria a temática que iria realizar uma investigação que fosse significativa, não só para mim, mas, principalmente, para a equipa educativa e famílias. A realização de ambas as investigações permitiu-me conhecer, como também compreender as conceções das educadoras do contexto socioeducativo e das famílias das crianças. Com o desenvolver das investigações, foi-me possível alargar o meu conhecimento, selecionando biografia pertinente e fazendo uma comparação entre a informação selecionada e os resultados obtidos através das entrevistas, colocadas às educadoras, e dos inquéritos por questionário, colocados às famílias. Realizar os estudos enriqueceu as minhas capacidades investigativas, uma vez que foi necessário seguir e respeitar as fases sequenciais de uma investigação.

A dimensão mais significativa neste percurso foi o aprimorar a relação estabelecida com as famílias e equipa educativa de ambas as organizações socioeducativas, mas, principalmente, com os dois grupos de crianças, com os quais realizei a Prática Profissional Supervisionada I e II.

Em modo conclusivo, tenho consciência da importância que a educação pré-escolar acarreta no desenvolvimento das crianças e, com isto, na minha prática futura, pretendo consciencializar todos sobre a sua importância, compreendendo também o quanto é essencial a participação das famílias no que é proposto pelo contexto socioeducativo. Pretendo dar-lhes sempre voz para expressarem as suas opiniões, melhorando, assim, a minha prática educativa com o grupo de crianças, com o qual irei estar em sala. Deste modo, posso afirmar que todos os aspetos referidos anteriormente contribuíram positivamente para o meu crescimento pessoal, mas, também, para compreender como quero agir, que educadora pretendo ser e, ainda, quais os valores e princípios que irei basear a minha ação profissional futura.

6. CONSIDERAÇÕES  
FINAIS

| ' ' | ' ' |

Conclui-se, assim, mais uma etapa da minha formação enquanto futura educadora. A concretização do presente relatório reflete as aprendizagens realizadas ao longo da Prática Profissional Supervisionada II. Neste percurso foi possível crescer a nível pessoal, mas, também, iniciar a construção da minha identidade profissional.

A prática profissional é uma etapa muito importante na formação de um profissional e, tal como Pelozo (citado por Linhares et. al., 2014) afirma, as pessoas que não atuam dentro da escola, não possuem conhecimentos reais e concretos da realidade escolar. Assim, segundo o mesmo autor, o estágio acompanhado por uma boa fundamentação teórica “propiciará aos futuros professores um entendimento mais claro das situações ocorridas no interior das escolas e, conseqüentemente, possibilitará uma adequada intervenção da realidade” (p.117). Posto isto, considero que a realização de ambas as Práticas Profissionais Supervisionadas me permitiu conhecer uma nova realidade, diferentes práticas pedagógicas e grupos de crianças, o que contribui para a construção da minha identidade profissional e ajudou a desenvolver uma capacidade reflexiva e a tomar decisões.

Ao longo desta etapa, refletindo sobre as práticas vivenciadas, lembrando a equipa que me acolheu, as crianças que conheci e privei, as famílias com quem me cruzei e tive o privilégio de aprender com elas, foi, sem dúvida, uma mais-valia na minha formação profissional e na minha evolução pessoal.

Não foi apenas de coisas boas que esta etapa foi feita, pelo facto de trabalhar ao mesmo tempo que realizava os meus estudos, tornou-se uma sobrecarga física e psicológica, e em certa parte uma insegurança de não conseguir alcançar as minhas expectativas e fazer um bom trabalho.

No que concerne às investigações desenvolvidas, a própria experiência investigativa permitiu-me compreender a importância de aprofundar conhecimento ao longo do meu percurso profissional, e em termos de conhecimentos específicos, permitiram-me compreender que é essencial existir um trabalho de equipa entre família e a equipa educativa, pois só assim é possível auxiliar a criança no seu desenvolvimento e aprendizagens. Neste caso, importa também respeitar o ritmo de cada criança, não forçando nada para o qual a criança ainda não demonstre estar pronta.

Por outro lado, é importante que a equipa educativa tenha a possibilidade e espaço de criar momentos, em que realmente as crianças tenham a possibilidade de realizar tarefas sozinhas, com o intuito de as crianças começarem a desenvolver a vontade de serem autónomas no seu dia a dia. Neste sentido, é essencial que as famílias estejam a par de todo o processo realizado no JI, sendo possível a sua continuação em casa. O ponto crucial é a comunicação e o reconhecimento da criança como um ser individual, é imprescindível que haja espaço e tempo para que a equipa educativa comunique com as famílias e vice-versa. Apenas deste modo, é possível ajudar a criança nas suas aprendizagens e desenvolvimento.

A principal dificuldade, que surgiu durante o estudo, passa pela falta de participação, por parte de algumas famílias, em responder ao inquérito por questionário que realizei, com o intuito de conhecer as suas perspetivas acerca da autonomia e quais as principais dificuldades e estratégias utilizadas na promoção e desenvolvimento da autonomia, no momento da higiene.

Em modo de conclusão, Portugal (2009) afirma que “um educador acederá ao significado e motivações da criança, quando for capaz de estabelecer contacto com a criança, ganhar a sua confiança, fazendo com que esta queira partilhar os seus sentimentos, experiências e opiniões” (p.13). Considero que ao longo de toda a formação na Licenciatura em Educação Básica e no Mestrado em Educação Pré-Escolar, criei ferramentas imprescindíveis para a minha prática enquanto futura educadora, mas estou ciente que ainda há espaço para melhorar e aprender, procurando sempre adotar uma melhor prática profissional.

## REFERÊNCIAS

| | ' ' | | ' ' |

- APEI (2011). *Carta de Princípios para uma Ética Profissional*. <https://apei.pt/wp-content/uploads/2019/11/carta-de-principios.pdf>
- Assis, M., & Fuertes, M. (2014). Estudo exploratório sobre as representações dos pais relativamente à educação em creche. *Interações* (10), 138-158.
- Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2007). *A criança e a higiene*. Lisboa: Editorial Presença.
- Campos, R. K. N., & Ramos, T. K. G. (2019). Participação social de crianças em brincadeiras: aproximações às culturas da infância na educação infantil. *Revista dos zero aos seis*, 21 (39), 51 - 66.  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosois/article/view/19804512.2019v21n39p51/38580>
- Cardoso, A. P., & Rego, B. (2017). Metodologias de investigação na formação de professores: a investigação-ação e o estudo de caso. *Olhares sobre a educação: em torno da formação de professores*, 21-33.
- Cechinel, A., Fontana, S. A. P., Della, K. G. P., Pereira, A. S., & do Prado, S. S. (2016). Estudo/análise documental: uma revisão teórica e metodológica. *Criar Educação*, 5(1).
- Coutinho, A. S. & Vieira, D. M. (2020). *Uma Perspectiva para Acompanhar o Processo dos Bebês de Conquista da Autonomia na Creche*. Revista Artes de Educar.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (s.d.). Consultado a 27 de fevereiro de 2024 em <https://dicionario.priberam.org>
- Fernandes, N. & Tomás, C. (2011). Questões conceptuais, metodológicas e éticas na investigação com crianças em Portugal. In European Sociological Association (Eds.), *Congress proceedings 10th Conference of the European Sociological Association* (pp. 1-18). Geneva: ESA.
- Fuertes, M. (2010). Se não pergunta como sabe? Dúvidas dos pais sobre a educação de infância. In *Estudos Educacionais: Da Investigação à Formação – CIED*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa.

- Júnior, V. (2010). Rever, pensar e (re) significar: a importância da reflexão sobre a prática na profissão docente. *Revista brasileira de educação médica*, 34(4), 580- 586.
- Linhares, P. C. A., Irineu, T. H. S., Figueiredo, J. P. & Sousa, T. P. (2014). A importância da escola, aluno, estágio supervisionado e todo o processo educacional na formação inicial do professor. *Revista Terceiro Incluído*, 4(2), 115-127.  
<https://www.revistas.ufg.br/teri/article/view/35258/18479>
- Mata, L., & Pedro, I. (2021). *Participação e envolvimento das famílias: Construção de parcerias em contextos de educação de infância*. Ministério da Educação. Direção Geral de Educação (DGE).
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer*, 2(2), 49-65.
- Miguel, A. S. B. (2009). “Cuidar e educar”: um novo olhar para a educação infantil.  
<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/9/18052011155019.pdf>
- Morgado, J.C. (2013). *O estudo de caso na investigação em educação*. DE FACTO Editores.
- Mota, F., & Simões, A. (2019). “Ele bateu-me!” (Francisco): da intervenção do adulto à autonomia das crianças na resolução de conflitos em jardim de infância. *Atas do IV Encontro de Mestrados em Educação e Ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa*, 52-59.
- Nabuco, M. E. (2000). A avaliação como processo central da intencionalidade educativa. *A avaliação das crianças dos 0 aos 6 anos de idade*. Da Investigação às Práticas – Estudos de Natureza Educacional, 1, 81-90  
<https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/656/1/A%20avaliação%20como%20oprocesso%20central%20da%20intencionalidade%20educativa.pdf>
- Portugal, G. (2009). *A Educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. CNE.  
[https://www.cnedu.pt/content/antigo/files/1\\_A\\_Educacao.pdf](https://www.cnedu.pt/content/antigo/files/1_A_Educacao.pdf)
- Portugal, G. (2009). Para o educador que queremos, que formação assegurar? *Exedra*:

*Revista Científica*, (1), 9-24.

Portugal, G. (2011). *No Âmago da Educação em Creche – o primado das relações e a importância dos espaços*. In Conselho Nacional de Educação, Educação da criança dos 0 aos 3 anos. CNE: Lisboa, pp. 2- 3.

Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de bebés em infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Santos, R. J. e Henriques, S. (2021). *Inquérito por questionário: contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Lisboa: Universidade Aberta.

Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação. [https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes\\_Curriculares.pdf](https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf)

ANEXOS

| | ' ' | | ' ' |

ANEXO A  
Roteiro Ético e  
Metodológico

| " | | " |

Princípios Éticos e deontológicos no trabalho de investigação com crianças (Tomás, 2011)	Prática Profissional Supervisionada II	Carta de Princípios para uma Ética Profissional (APEI, 2011)
<p><b>1. Objetivos do trabalho</b></p>	<p>Quando iniciei o estágio na organização educativa, por já trabalhar na instituição, apenas me apresentei como estagiária na sala rosa e informei a equipa educativa e as famílias qual seria o período que iria permanecer como estagiária.</p> <p>Assim, no primeiro dia de estágio, a educadora cooperante acolheu-me, apresentando-me às crianças, que já me conheciam por ser auxiliar na instituição. A educadora da sala também me colocou o corrente de todo o trabalho já realizado em sala.</p> <p>Posteriormente, comecei por estabelecer contacto com as crianças, através das brincadeiras, com o intuito de me começarem a incluir na sua rotina da sala, transmitindo-lhes confiança, segurança e respeito, mostrando-me sempre disponível.</p> <p>Por já ser parte da equipa educativa, enquanto auxiliar, a minha relação com as famílias é positiva e próxima. Por estar no contexto socioeducativo durante as 8 horas laborais e não apenas as 5 respetivas ao estágio, torna-se mais fácil eu manter um contacto próximo com as famílias.</p>	<p><b>Compromissos com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional” (p.1)</li> <li>- Cuidar da gestão da aproximação e da distância na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma. (p.1)</li> <li>- “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à</li> </ul>

	<p>Tinha a intenção de realizar uma carta de apresentação, mas, por já ser familiar na instituição, a educadora cooperante afirmou que não era necessário fazer, tendo em consideração que todas as famílias já me conheciam. Na reunião de início de ano letivo a direção informou todas as famílias que eu iria estar a estagiar, como futura educadora, na sala rosa.</p> <p>Considero que no presente contexto, demonstrei preocupação em promover uma ética democrática, na qual consultei todos os atores sociais, dando informações e oportunidade de questionarem, sempre que necessário.</p> <p>No que diz respeito à minha investigação que implementei na prática da PPSII, esta trata-se de um estudo de caso, tendo como problemática <i>Sou crescido!: Promoção e desenvolvimento da autonomia no jardim de infância – momento da higiene</i>.</p> <p>Os procedimentos que levei a cabo no decorrer desta investigação foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- No que concerne às crianças, procurei observar e registar os seus comportamentos nos vários momentos da sua rotina, bem como os seus comportamentos, na sua rotina de higiene</li> <li>- No que diz respeito às famílias, procurei mantê-las a par de todas as</li> </ul>	<p>criança na sua globalidade e inserida no seu contexto” (p.1)</p> <p><b>Compromissos com a equipa educativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações.” (p.2)</li> <li>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (p.2)</li> </ul> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras na ação educativa.” (p.2)</li> <li>- “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência</li> </ul>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>minhas intencionalidades da minha prática. Ao pretender que as famílias participassem na investigação que levei a cabo, através do mail de sala, a educadora cooperante, a meu pedido, enviou às famílias um inquérito por questionário, no qual explicitarei os objetivos pretendidos e solicitei o preenchimento do mesmo.</p> <p>- No que diz respeito à equipa educativa, explicitarei o tema da minha investigação, bem como os objetivos da mesma, enumerando o que pretendia realizar e atingir, os instrumentos e técnicas a utilizar.</p>	<p>educativa das mesmas e colaborando de modo a que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (p.2)</p>
<p><b>2. Custos e Benefícios</b></p>	<p>No que concerne aos custos e benefícios, considero que a minha investigação não resultou em nenhum custo para as crianças, uma vez que respeitei e valorizei os seus interesses, necessidades e bem-estar.</p> <p>Os custos que dizem respeito às famílias creio que foi o tempo dispensado a preencherem o inquérito por questionário e à equipa educativa, mais concretamente às educadoras do contexto socioeducativo, o tempo dispensado a responderem à entrevista.</p> <p>No entanto, no que concerne aos benefícios, considero que a investigação foi benéfica para a equipa educativa, pois optei por refletir todas as minhas intervenções e mostrei-me disponível para receber sugestões ou questões e, ainda, com os resultados obtidos foi possível compreender como ambas as partes poderiam realizar um trabalho de</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Cuidar na relação educativa a gestão da “aproximação” e da “distância”, do respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança utilizando o seu poder no sentido da autonomia de cada uma” (p.1)</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projeto</p>

	<p>equipa, de modo a auxiliar a criança no desenvolvimento da autonomia, principalmente no momento da higiene.</p>	<p>educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excecionais” (p.2)</p> <p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p.2)</li> </ul>
<p><b>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</b></p>	<p>Uma das minhas maiores preocupações ao longo de toda a minha prática foi garantir sempre a privacidade e confidencialidade das crianças, das famílias e da equipa educativa. No decorrer da investigação, a minha postura foi sempre de atenção para que não expusesse qualquer tipo de informação confidencial.</p> <p>Neste sentido, garanti esta premissa protegendo as identidades das crianças, referindo apenas a inicial dos seus nomes quando referidas em</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1)</li> </ul> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo</li> </ul>

	registos escritos e não expondo qual a organização socioeducativa que frequentam.	exceções que ponham em risco a integridade da criança.” (p.2)  <b>Compromisso com a equipa de trabalho:</b> - “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p.2)
<b>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</b>	Relativamente às crianças incluir ou excluir da investigação, decidi incluir as 22 crianças do grupo, pois considero importante conhecer e perceber o desenvolvimento de autonomia na higiene de cada uma das crianças.  No que concerne a quais crianças incluir ou excluir na minha prática, decidi incluir todas as crianças, mesmo as que ingressaram mais tarde.	
<b>5. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</b>	Tanto a definição da minha problemática, como dos objetivos e da metodologia a utilizar na investigação, foram discutidos com a minha orientadora da PPSII e, em paralelo, com a educadora cooperante. Partilhei e procurei sempre respostas para as minhas dúvidas e questões junto da educadora cooperante e orientadora de estágio.	<b>Compromissos com as famílias:</b> - “Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras” (p.2)

	<p>Para os objetivos de investigação, defini três, sendo estes: i i) conhecer quais os fatores que influenciam o desenvolvimento da autonomia; ii) ii) conhecer e compreender as concepções das educadoras de infância, da instituição socioeducativa da PPSII, sobre o desenvolvimento da autonomia no momento da higiene; iii) conhecer quais as concepções das famílias das crianças da sala rosa sobre o desenvolvimento da autonomia, no momento da higiene.</p> <p>Procurei sempre colocar as famílias e a equipa educativa a par dos resultados obtidos ao longo da investigação. Em relação às crianças, procurei sempre respeitar as suas características, gostos e interesses individuais.</p>	<p><b>Compromissos com a equipa de trabalho:</b></p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p.2)</p>
<p><b>6. Consentimento informado e Assentimento</b></p>	<p>Crianças: a fim de garantir a confidencialidade e privacidade de todas as crianças, sempre que necessitei de utilizar fotografias de atividades realizadas, os rostos das crianças ou outro tipo de fator identificativo, foram tapados com círculos coloridos. Quanto ao consentimento informado, foi entregue em mãos aos pais de cada criança e, se concordassem, assinassem. Também foi garantido o assentimento das crianças, pois sempre que as mesmas não se demonstrassem confortáveis não obrigava, nem continuava a tirar fotografias.</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1)</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo</p>

	<p>Equipa Educativa: nas entrevistas realizadas às educadoras da instituição informei-as de que o seu carácter era confidencial e que os dados seriam analisados de forma anónima. Sempre que referi as educadoras nas minhas notas de campo e no corpo do relatório, os seus nomes foram codificados, assegurando assim o anonimato das profissionais</p> <p>O consentimento informado dado às famílias sobre a autorização para os registos fotográficos, assegura i) a proteção da identidade da criança, em fotografias (protegendo a cara da criança) e ii) informa sobre o direito de revogar o consentimento em qualquer altura e sem prejuízo.</p>	<p>exceções que ponham em risco a integridade da criança)” (p.2)</p>
<p><b>7. Uso e relato das conclusões</b></p>	<p>Durante todo o desenrolar da minha investigação, partilhei com a educadora cooperante os dados recolhidos, solicitando as suas opiniões a fim de me auxiliarem na tomada de decisões. Concluído todo o processo investigativo, disponibilizarei, à equipa educativa e famílias, o relatório para que tenham conhecimento dos resultados obtidos.</p>	<p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras” (p.2)</p> <p><b>Compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <p>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na</p>

		equipa educativa, sem discriminações” (p.2)
<b>8. Possível impacto nas crianças, famílias ou equipa</b>	<p>A investigação delineada não visa impactos negativos nem nas crianças, nas famílias, nem na equipa educativa.</p> <p>Relativamente à equipa educativa, mais concretamente às educadoras entrevistadas, considero que o impacto é positivo, uma vez que lhes permitiu refletir acerca do desenvolvimento da autonomia, no momento da higiene, na infância.</p> <p>No que concerne às famílias, considero que o impacto é positivo, pois, tal como a equipa educativa, permitiu refletir sobre o desenvolvimento da autonomia das suas crianças., no momento da higiene.</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (p.1)</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras” (p.2)</p>
<b>9. Informação às crianças e adultos/as envolvidos/as</b>	<p>Tanto a equipa como as famílias envolvidas na minha investigação foram informados de todos os procedimentos levados a cabo em cada fase da investigação, sendo que me mantive sempre disponível para qualquer esclarecimento adicional.</p>	<p><b>Compromissos com as famílias:</b></p> <p>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projeto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excecionais” (p.2)</p>

		<p><b>Compromisso com a equipa de trabalho:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade.” (p.2)</li> </ul>
<p><b>10. Tratamento dos dados</b></p>	<p>O anonimato e confidencialidade das crianças, da equipa educativa e das famílias foram sempre mantidos, no sentido em que nunca foram expostas informações confidenciais.</p> <p>Em relação aos registos fotográficos, foram sempre tapadas e/ou desfocadas as caras de crianças, adultos e alguma coisa que identificasse o contexto socioeducativo em questão.</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional” (p.1)</li> </ul> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança.” (p.2)</li> </ul> <p><b>Compromisso com a equipa de trabalho:</b></p>

		- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (p.2)
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------

## ANEXO B

Guião da entrevista  
realizada às educadoras do  
contexto socioeducativo

| | ' ' | | ' ' |

---

## Guião de Entrevista

---

**Destinatárias:** Educadoras de Infância do contexto socioeducativo (PPS II 2023/2024)

**Objetivos:**

- Conhecer e compreender as conceções das educadoras de infância, da instituição socioeducativa da PPSII, sobre o desenvolvimento da autonomia na higiene

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
<p><b>A.</b> Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista;</li> <li>• Motivar o entrevistado.</li> </ul>	<p>Agradecer a disponibilidade e colaboração.</p> <p>Contextualizar a entrevista na investigação. Indicar ao entrevistado os objetivos da entrevista, bem como a importância da mesma para o estudo.</p> <p>Informar ao entrevistado da confidencialidade dos dados e garantia do anonimato.</p> <p>Solicitar a autorização para a gravação da entrevista.</p> <p>Informar sobre a devolução das transcrições.</p>	
<p><b>B.</b> Definição do perfil do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o percurso profissional da educadora</li> </ul>	<p>B1. Fale-me um pouco sobre o seu percurso de formação.</p>	<p>Tem alguma formação sobre autonomia pessoal das crianças?</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar a idade das crianças da sala da educadora</li> </ul>	<p>B2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?</p> <p>B3. Assume ou assumiu outro cargo nesta organização socioeducativa?</p>	
<p>C. Caracterização do grupo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender as concepções sobre o conceito de “autonomia”</li> <li>• Compreender as concepções do/a educador/a acerca da autonomia na higiene das crianças</li> </ul>	<p>C1. O que é para si “autonomia”?</p> <p>C2. Quais as suas principais preocupações no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?</p> <p>C3. Quais as principais estratégias que utiliza no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?</p> <p>C4. Quais as principais dificuldades sentidas, no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?</p> <p>C5. Relativamente ao seu grupo de crianças, como o caracteriza?</p> <p>C6. Considera-o um grupo autónomo? Em que áreas do desenvolvimento?</p> <p>C7. E relativamente à higiene, considera-o um grupo autónomo?</p>	<p>C.5, C.6 e C.7 a abordar apenas com o educador do grupo de crianças participante na investigação</p>

<p>Conclusão da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finalizar a entrevista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</li> <li>- Obrigada pela sua disponibilidade e participação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Confirmar se existe algo mais a acrescentar</li> <li>- Agradecer a disponibilidade</li> </ul>
--------------------------------	----------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO C

Legitimação da entrevista  
colocada às educadoras

| | ' ' | | ' ' |

Destinatária: Educadoras do contexto socioeducativo

Pequeno excerto do Consentimento Informado

No âmbito da Unidade Curricular intitulada Prática Profissional Supervisionada II, foi-me proposto a realização de uma investigação, no qual selecionei o tema “autonomia, no momento da higiene” no contexto socioeducativo que estou inserida. Deste modo, venho por este meio solicitar a sua participação na respetiva entrevista sobre a autonomia na infância, garantindo a confidencialidade dos dados retirados e salvaguardarei a identidade das pessoas e dos espaços que envolvem a organização socioeducativa. Caso pretenda participar na entrevista, peço a sua autorização para a gravação por áudio da mesma. No término da entrevista, irei transcrever as suas respostas e, posteriormente, devolverei a informação recolhida para ser validada.

Resposta: As educadoras aceitaram responder à entrevista.

ANEXO D

Transcrição da entrevista  
realizada à educadora I

| " | | " |

## B. Definição do perfil do/a entrevistado/a

**B1.** Fale-me um pouco sobre o seu percurso de formação.

Formação no secundário na Área das Ciências

Formação académica – Educadora de Infância no instituto Superior de Educação Jean Piaget

Formação extra – curso de auxiliar de ação médica – 3 anos na clínica de Santo António

**B2.** Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

Há 30 anos

**B3.** Assume ou assumiu outro cargo nesta organização socioeducativa?

Educadora e Direção Técnica

## C. Caracterização do grupo

**C1.** O que é para si “autonomia”?

Autonomia é essencialmente incentivar e deixar fazer. É errar para aprender para aprender é cair para levantar.

**C2.** Quais as suas principais preocupações no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

No momento da higiene a criança deve estar segura do que faz. Antes da autonomia vem o ultrapassar dos medos e sentir-se confiante nas tarefas e executar. Para isso o incentivo do adulto é importante bem como o reforço positivo sempre que surge uma dificuldade.

**C3.** Quais as principais estratégias que utiliza no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

Encorajamento, tranquilidade e reforço positivo, elogiando quando tudo corre bem e desvalorizando quando há um “acidente”.

**C4.** Quais as principais dificuldades sentidas, no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

O medo de errar (molhar a roupa, molhar o chão). Também o facto da roupa nem sempre estar adequada a esta fase é uma dificuldade, por exemplo: calças justas, collants, jardineiras, entre outras.

**C5.** Relativamente ao seu grupo de crianças, como o caracteriza?

O grupo era muito imaturo e muito pouco autónomo. Aguardavam que o adulto fizesse por eles. Após muito trabalho de “Tu és capaz!”, “faz tu”, “Eu não ajudo”, já começamos a ter resultados positivos e estão mais autónomos.

**C6.** Considera-o um grupo autónomo? Em que áreas do desenvolvimento?

A sua autonomia ainda tem de ser trabalhada. Ainda sentimos que são os bebés lá de casa e que têm muita ajuda parental, logo, a autonomia não seu global está em fase emergente.

**C7.** E relativamente à higiene, considera-o um grupo autónomo?

Emergente, ainda com algumas dificuldades e muita preguiça e existem alguns “acidentes” à mistura.

#### Conclusão da entrevista

De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

Sim, os pais devem ser mais cooperantes neste processo e encarar esta fase de crescimento como um processo evolutivo e não como uma perda do “bebé”.

Também devem facilitar o processo colocando-se na pele da criança e ficando atento às suas dificuldades, nomeadamente a nível de vestuário e no acesso aos equipamentos que na higiene, alimentação e no dia a dia.

ANEXO E

Transcrição da entrevista  
realizada à educadora V.

| | ' ' | | ' ' |

## B. Definição do perfil do/a entrevistado/a

**B1.** Fale-me um pouco sobre o seu percurso de formação.

Sou educadora desde 2004, formei-me na Escola Superior de Educação João de Deus.

Já passei por todas as fases, desde os 12 meses até aos 5/6 anos

**B2.** Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

Há sensivelmente 20 anos

**B3.** Assume ou assumiu outro cargo nesta organização socioeducativa?

Sim, além de educadora acumulo o cargo de Diretora Pedagógica.

## C. Perceções da autonomia

**C1.** O que é para si “autonomia”?

Autonomia que dizer que a criança está a tornar-se mais independente do adulto, pois já quer fazer as tarefas ou atividades sozinha sem auxílio do adulto.

**C2.** Quais as suas principais preocupações no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

É muito importante que aos poucos, consoante a faixa etária, a criança consiga ir fazendo a sua higiene diária, como lavar as mãos, os dentes, limpar-se quando vai à casa de banho, etc.

**C3.** Quais as principais estratégias que utiliza no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

Como já referi, aos poucos deixo a criança fazer a sua rotina sozinha, primeiramente sob a minha visão e auxílio e depois aos poucos vou deixando que faça completamente sozinha.

**C4.** Quais as principais dificuldades sentidas, no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

Algumas crianças são menos autónomas, pois os pais fazem tudo por elas e não as deixam ser mais independentes.

#### Conclusão da entrevista

De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

Ter conversas com as famílias acerca da importância de deixarem as crianças crescerem e serem mais independentes e autónomas.

ANEXO F

Transcrição da entrevista  
realizada à educadora AC.

| ' ' | ' ' |

## B. Definição do perfil do/a entrevistado/a

**B1.** Fale-me um pouco sobre o seu percurso de formação.

Tirei um curso técnico-profissional de apoio à infância, estagiei aqui no colégio e fiquei a trabalhar aqui como auxiliar de ação educativa, durante 10/11 anos. Entretanto, entrei na ESELx para me licenciar em Educação Básica e tirei o mestrado em Educação Pré-Escolar.

**B2.** Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

Exerço funções de educadora há quase 2 anos.

**B3.** Assume ou assumiu outro cargo nesta organização socioeducativa?

Apenas trabalhei como técnica de ação educativa até concluir os estudos

## C. Perceções da autonomia

**C1.** O que é para si “autonomia”?

Autonomia é o simples facto de sermos capazes de fazer algo sozinhos. É termos algumas responsabilidades nas diferentes tarefas do dia, mesmo que isso implique algumas falhas. No entanto, todas as falhas servem para que nos possamos tornar melhores e cada vez mais independentes.

**C2.** Quais as suas principais preocupações no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

Eu sou um bocadinho “chata” no que respeita á higiene das crianças e, por exemplo, quando eles vão à casa de banho, dou um bocadinho de liberdade, mas tenho sempre o cuidado de verificar se estão, por exemplo, a colocar a roupa toda para baixo, para não se sentarem em cima da roupa, o que acontece muito. Também se têm papel para limpar, se puxam ou não o autoclismo, se lavam as mãos. Basicamente, aquelas tarefas básicas que às vezes são esquecidas.

**C3.** Quais as principais estratégias que utiliza no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

Inicialmente, tento sempre fazer ou exemplificar para que possam ter a noção do que é pretendido, visto que as crianças nestas idades são umas “esponjinhas” e seguem sempre o modelo do adulto. Numa fase posterior vou com eles e apenas observo os comportamentos e nota-se que algumas já têm a prática da tarefa. Uma das estratégias que utilizo é cantar, por exemplo, enquanto lavam as mãos e faço os gestos com as mãos para que possam reproduzir.

**C4.** Quais as principais dificuldades sentidas, no desenvolvimento da autonomia da criança, no momento da higiene?

Bem, a principal dificuldade às vezes é a própria família. Nós aqui tentamos de tudo para que a criança seja autónoma seja na alimentação quer na higiene ou nas diferentes tarefas do dia a dia. Na higiene, acontece com muita frequência no desfralde correr bem na escola, mas depois em casa não corre tão bem. No desfralde é preciso ir com muita frequência à casa de banho e os pais, por vezes não dispõem desse tempo e colocam fralda, ou porque vão passear e não querem que a criança faça xixi na roupa ou no carro, não optando por estratégias para não utilizar a fralda.

#### Conclusão da entrevista

De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?

Só acrescentar que é muito importante dar uma certa liberdade à criança, para que esta possa explorar, experimentar e sobretudo pôr as “mãos na massa” e não os limitar demasiado. Nota-se que, hoje em dia, há muita preocupação por parte da família, mas também um certo desleixo. Tudo bem que cada criança tem o seu tempo e devemos respeitar isso, mas não podemos fazer tudo por eles, pois cada vez mais se nota uma certa dificuldade nos movimentos e no próprio desenvolvimento das crianças.

ANEXO G

Inquérito por questionário  
realizado às famílias

| ' ' | | ' ' |

## Autonomia das crianças, no momento da higiene

No âmbito da Prática Profissional Supervisionada II, integrada no Mestrado no Ensino Pré-Escolar na Escola Superior de Educação de Lisboa, foi-me proposto a realização de uma investigação. O tema escolhido por mim foi "Autonomia das crianças, no momento da higiene", por considerar um tema com grande relevância no desenvolvimento e aprendizagens da criança. Assim, com esta inquérito pertento:

- Conhecer quais as conceções das famílias das crianças da sala rosa sobre o desenvolvimento da autonomia, no momento da higiene

Deste modo, venho por este meio solicitar a sua participação, garantindo a confidencialidade dos dados retirados e salvaguardarei a sua identidade.

Caso necessite de algum esclarecimento pode contactar-me através do mail:  
Daniela Pais - 2022340@alunos.eselx.ipl.pt

danielatvpais@gmail.com [Mudar de conta](#)



Não partilhado

\* Indica uma pergunta obrigatória

Idade do/a seu/sua educando/a \*

2 anos

3 anos

Género \*

- feminino
- masculino

O que entende por autonomia? \*

A sua resposta

---

Considera importante que o/a seu/sua educando/a seja capaz de realizar a sua higiene de forma autónoma? \*

- Sim
- Não

Quais as principais dificuldades sentidas, no desenvolvimento da autonomia do/a seu/sua educando/a, no momento da higiene? \*

A sua resposta

---

Quais as principais estratégias que utiliza no desenvolvimento da autonomia do/a seu/sua educando/a, no momento da higiene?

A sua resposta

---

Considera o/a seu/sua educando/a autónomo no momento da higiene? \*

- Sim
- Não
- Em desenvolvimento

Considera que fomenta a autonomia do/a seu/sua educando/a no momento da higiene? \*

- Sim
- Não
- Algumas vezes

Quais os momentos de higiene que considera que o/a seu/sua educando/a pode \* concretizar autonomamente

Lavar as mãos

Lavar a cara

Limpar o nariz

Ir à sanita

Outra: \_\_\_\_\_

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie palavras-passe através dos Google Forms.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Utilização](#) - [Política de privacidade](#)

Google Formulários

ANEXO H

Análise categorial das  
entrevistas realizadas às  
educadoras

| " | | " |

<b>Tema</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo</b>	<b>Frequências</b>
Formação	Auxiliar de ação educativa	Auxiliar	<b>ED AC:</b> “(...) fiquei a trabalhar aqui como auxiliar de ação educativa, durante 10/11 anos”	1
			<b>ED AC:</b> “Exerço funções de educadora há quase 2 anos.”	1
	Educadora de Infância	0 – 10 anos	<b>ED AC:</b> “Exerço funções de educadora há quase 2 anos.”	1
		11 – 20 anos	<b>ED V:</b> “Há sensivelmente 20 anos”	1
		21 – 30 anos	<b>ED I:</b> “Há 30 anos”	1
Autonomia	Conceções sobre a autonomia	Errar para aprender	<b>ED I:</b> “Autonomia é essencialmente incentivar e deixar fazer. É errar para aprender para aprender é cair para levantar”	1

		Independente	<b>ED V:</b> “Autonomia quer dizer que a criança está a tornar-se mais independente do adulto, pois já quer fazer as tarefas ou atividades sozinha sem auxílio do adulto	1
		Responsabilidade	<b>ED AC:</b> “Autonomia é o simples facto de sermos capazes de fazer algo sozinhos. É termos algumas responsabilidades nas diferentes tarefas do dia, mesmo que isso implique algumas falhas. No entanto, todas as falhas servem para que nos	1



			<p>de liberdade, mas tenho sempre o cuidado de verificar se estão, por exemplo, a colocar a roupa toda para baixo, para não se sentarem em cima da roupa, o que acontece muito. Também se têm papel para limpar, se puxam ou não o autoclismo, se lavam as mãos. Basicamente, aquelas tarefas básicas que às vezes são esquecidas”</p>	
--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>Principais estratégias das educadoras acerca da autonomia no momento da higiene</p>	<p>Encorajar Reforço positivo</p> <p>Progressivamente realizar sozinha</p> <p>Cantar</p>	<p><b>ED I:</b> “Encorajamento, tranquilidade e reforço positivo, elogiando quando tudo corre bem e desvalorizando quando há um “acidente”</p> <p><b>ED V:</b> “(...) aos poucos deixo a criança fazer a sua rotina sozinha, primeiramente sob a minha visão e auxílio e depois aos poucos vou deixando que faça completamente sozinha.”</p> <p><b>ED AC:</b> “Uma das estratégias que utilizo é cantar, por exemplo, enquanto lavam as mãos e faço os gestos com as mãos</p>	<p>1</p> <p>1</p> <p>1</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------

		Medo de errar	para que possam reproduzir.”	1
--	--	---------------	------------------------------	---



			banho e os pais, por vezes não despendem desse tempo e colocam fralda, ou porque vão passear e não querem que a criança faça xixi na roupa ou no carro, não optando por estratégias para não utilizar a fralda.”	
Caracterização do grupo de crianças	Autonomia do grupo de crianças	Inicialmente	<b>ED I:</b> “O grupo era muito imaturo e muito pouco autónomo. Aguardavam que o adulto fizesse por eles.	1

		Atualmente	<b>ED I:</b> “Após muito trabalho de “Tu és capaz!”, “faz tu”, “Eu não ajudo”, já começamos a ter resultados positivos e estão mais autónomos.	1
		Pouca autónomo Emergente	<b>ED I:</b> “A sua autonomia ainda tem de ser trabalhada. Ainda sentimos que são os bebés lá de casa e que têm muita ajuda parental, logo, a autonomia no seu global está em fase emergente.”	1

	<p>Autonomia do grupo de crianças no momento da higiene</p>	<p>Com algumas dificuldades</p> <p>Preguiça</p>	<p><b>ED I:</b> “Emergente, ainda com algumas dificuldades e muita preguiça e existem alguns “acidentes” à mistura.”</p>	<p>1</p>
--	-------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------

ANEXO I

Consentimento informado para  
a recolha de registos  
fotográficos

|' '' | | ''

### **Autorização para fotografar ou filmar as crianças**

Exmo(a). Encarregado de Educação,

O meu nome é Daniela Pais e sou aluna do segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação em Lisboa. No âmbito da Unidade Curricular intitulada Prática Profissional Supervisionada II, encontrar-me-ei a estagiar na Sala Rosa, desde o passado dia 02 de outubro de 2023 até ao dia 31 de janeiro de 2024.

Deste modo, venho por este meio solicitar a sua autorização para fotografar ou filmar o/a seu/sua educando/a, ao longo do seu dia a dia na sala, uma vez que esses recursos audiovisuais servirão de base para conhecer melhor o grupo e a sala das crianças, tornando-me mais próxima do contexto de JI.

As respetivas fotografias/filmagens serão utilizadas somente para a elaboração de um relatório, que será visualizado por mim, pela Educadora Cooperante e pela Professora Supervisora da ESELx Joana Dias. Tomarei o cuidado de ocultar a face da criança. Deste modo, garantir-se-á a confidencialidade dos dados retirados e ressaltarei a identidade das pessoas e dos espaços que envolvem a Instituição. A presente autorização poderá ser retirada em qualquer momento.

Gostaria de frisar a importância da autorização da própria criança. A mesma só será fotografada/filmada se se sentir confortável. Por isso, comunicarei com a mesma sobre a ação de ser fotografada/filmada e observarei o seu olhar e a sua postura corporal, de modo a entender o seu assentimento. Nos momentos em que a mesma não consentir a respetiva ação, a sua vontade será promovida e respeitada.

Caso autorize o pedido solicitado, peço-lhe que assine.

Com os melhores cumprimentos da estudante estagiária,

Daniela Pais

Assinatura do/a Encarregado de Educação

---

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_